A Luz de Blackthorne
Marie Harte

Dark And Dangerous 03



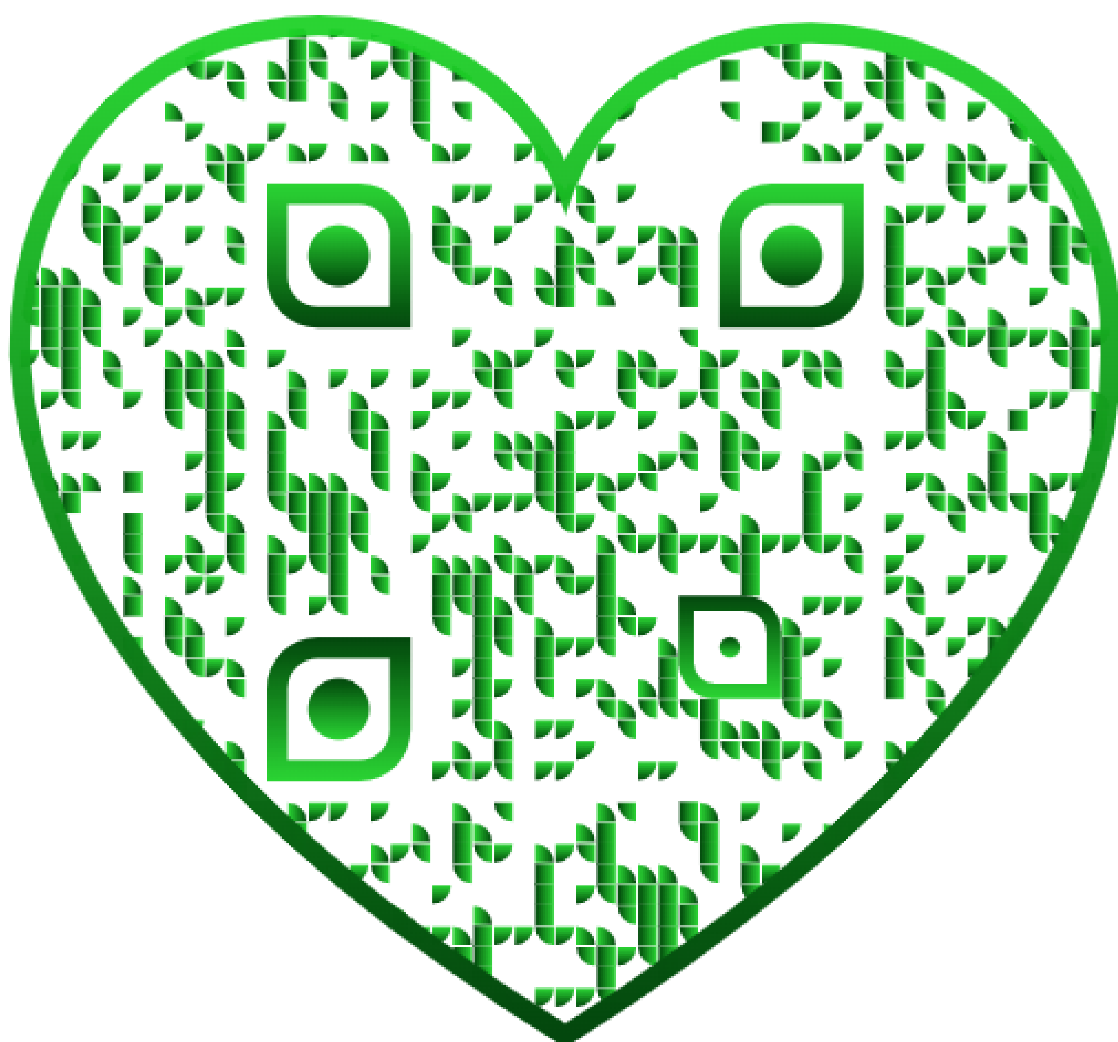




Disponibilização/Tradução: YGMR
Revisão: Anny
Revisão Final: Sky
Formatação: Gisa
Projeto Revisoras Traduções

A busca de uma mulher para escrever sobre o lado escuro da vida a expõe à escuridão dentro dela e ao amor de sua vida.

Um romance erótico entre um vampiro e a formosa mulher que possui a luz para triunfar sobre a escuridão de sua alma. Trey Blackthorne é um vampiro obrigado a livrar o mundo do mal sedutor que lhe devasta. A escuridão o chama e ele está indefeso para deter sua fome de alimentar-se do sangue e da sexualidade de suas vítimas. Mas a aura da Adara Vansant, tão brilhante e diferente das outras, apanha-o. Entre um mundo escuro de morte, prazeres eróticos e as quentes sensações do coração, Trey e Adara encontram uma profunda sensualidade e o amor verdadeiro que os ligará para sempre.



Prólogo

Com um gemido rouco, a figura escura seguiu alimentando-se, sua boca movendo-se avidamente sobre o pescoço branco e liso da mulher enfraquecida que sustentava fortemente entre seus braços, seu corpo empurrando primitivamente dentro do dela, faminto e extasiado ao alimentar-se de seu sangue e de sua essência sexual.

Ele gemeu quando chupou o seu pescoço, seus dentes mantendo suas veias abertas e sua língua absorvendo seu sangue vital como uma nata. Seu corpo duro extraiu gemidos e gritos afogados do prazer dela, embora ela certamente soubesse que não sobreviveria a esta noite. Seu cabelo vermelho se balançou como um véu ensangüentado sobre suas feições pálidas, seus olhos entreabertos pelo êxtase, seus lábios empalidecendo e tremendo sob o constante e doloroso prazer de seu toque.

E quando ele chegou ao clímax, enchendo o seu interior com sua paixão ardente, ele drenou a última gota vermelha e brilhante de sangue do seu corpo, ao mesmo tempo em que ela encontrava sua própria culminação. Ele a liberou e observou como a saciada mulher clamava por mais, necessitando de seu corpo no seu como uma viciada faminta. Mas ele só pôde assistir quando o corpo dela de repente perdeu seu brilho dourado vital e murchou sob a escuridão de sua alma sombria.

Como uma luz vacilante, ele observou quando ela fez a travessia para o outro mundo, onde aqueles melhores do que ele iriam julgá-la. Seus olhos se obscureceram em dor, mas não em arrependimento. Ele conhecia sua sina neste mundo, e só rezava que pudesse obter redenção suficiente para salvar-se de semelhante miséria na próxima vida.

Capítulo Um

- Sra. Vansant? Isto é o que o você está procurando, certo? - a jovem perguntou em uma voz rouca enquanto estourava uma bolha de chiclete. Ela entregou a Adara um folheto mostrando o clube mais quente da cidade.

Adara jogou uma olhada ao papel e sorriu, logo deu a desesperada jovem uma nota de vinte dólares e deixou a pequena loja de pornografia onde estava fazendo um pouco de pesquisa. Agora isso não fará um artigo fantástico?, pensou consigo mesma ao mesmo tempo em que por pouco evitava tropeçar em um sem teto deitado na calçada.

Lhe atirou uma nota de seu bolso com um pequeno movimento de cabeça e rapidamente partiu daquela zona da cidade. Ela não desdenhava exatamente a vida noturna, mas alguém estúpido o bastante para vir a esta zona do Rathan depois do anoitecer estava pedindo por problemas.

Ela deu uma olhada à lua que brilhava tenuamente, sobre a capa azul escura do céu que se tornava negro, as nuvens cor de anil deslizando-se com o vento no frio ar de outubro. Saindo de sua contemplação do céu noturno ao ouvir alguns convites lascivos, Adara rapidamente saltou dentro de seu carro e dirigiu para sua casa. Tinha material suficiente para começar esta nova empreitada jornalística e sentiu um entusiasmo estranho. Tinha a intuição de que esta história definitivamente teria mais sucesso do todas as outras.

Quando Adara passou por vizinhanças melhores, ela suspirou pensando na descuido que tinha feito que a parte ocidental do Rathan caísse no caos. Um bairro residencial grande justo ao norte da Filadelfia, Rathan tinha tanto zonas boas como ruins.

Adara vivia em uma zona agradável, a parte de cidade onde a classe média vivia comodamente e desejando unir-se aos ricos do Society Hill. Infelizmente, as demissões e os fechamentos de empresas contribuíram com o abandono da metade ocidental da cidade, a metade que ultimamente vinha atraindo um elemento muito sombrio.

Ela apertou os lábios enquanto dirigia por sua rua, uma vizinhança tranqüila de casas menores, mais do gosto de solteiros e recém-casados. Adara deixou o carro e abriu a porta principal, amargamente consciente de que ninguém aguardava seu retorno.

Ela agarrou a correspondência que estava espalhada pelo chão debaixo da abertura do correio e examinou as contas e as propagandas com um suspiro contrariado.

- Nada. - disse ao seu reflexo moreno no espelho em cima de uma mesinha de parede. Ela jogou a correspondência na mesa, ligou a secretária eletrônica e desenhou um pequeno sorriso ao ouvir a mensagem de Maria.

- Sua idéia de artigo parece interessante. Vá em frente. - a voz de sua redatora resmungou. Mas me deixe saber se encontrar algo por aí que leve a orgasmos melhores. Francamente, estou me cansando de Herb.

Maria e Herb estavam casados há mais de vinte anos, e felizmente seguiam assim, Adara pensou com um pouco de inveja. Mesmo assim, foram o estranho senso de humor e o jeito franco de conversar de Maria que fizeram dela imediatamente sua amiga. Maria tinha ajudado a Adara desde a primeira reunião e o negócio que levavam juntas floresceu tão rapidamente como a sua amizade. Maria era editora da Chique Ventures, uma revista feminina que tinha começado a tratar temas sérios ultimamente.

Maria, entretanto, sustentava que enquanto a Chique Ventures continuasse falando de sexo, sexo, e mais sexo, a revista nunca deixaria de ser impressa.

Adara colocou uma comida congelada no microondas e jogou sua bolsa na bancada da cozinha. Enquanto esperava a comida, ela viu o artigo do jornal que tinha provocado seu interesse para sua próxima história. Ela leu outra vez a notícia de que uma quarta mulher tinha desaparecido nas últimas duas semanas, fazendo agora um total de dezesseis mulheres desaparecidas nos últimos quatro meses no sudeste da Pensilvânia.

Pelo visto, as poucas coisas que as mulheres tinham em comum era o fato de que todas eram lindas, e de que nenhuma delas foi particularmente bem aceita ou comportada em vida. Várias das mulheres, algumas prostitutas, usuárias de drogas e outras supostas criminosas, desapareceram misteriosamente, nenhum rastro delas foi encontrado. O autor do artigo tinha apelidado o caso de *Os Males da Beleza*, e a polícia não tinha pistas dos crimes.

O microondas emitiu um som e Adara agarrou a bandeja quente murmurando uma maldição. Comeu avidamente, decidindo não saltar o almoço do outro dia e comê-lo tranqüilamente sentada na mesa. A idéia vinha dando voltas em sua cabeça várias vezes. Supunha que a maior parte dessas mulheres desaparecidas tinham sido chamadas a visitar o lado mais sórdido da vida. Como Adara, a maioria das mulheres que conhecia raramente se aventuravam no escuro mundo do sexo e do erotismo, ela pensou que poderia gerar um pouco de interesse nesse tema com seu artigo.

Boas garotas não deveriam envolver-se em sexo sem uma relação que provavelmente levaria ao casamento. Adara sorriu sombriamente. Mas por outro lado, as boas garotas nem sempre conseguiam o Sr. Moreno, Alto e Bonito todo embrulhado em um laço e pronto para casar. Às vezes, o Sr. Atrativo dormia com a sua melhor amiga. Às vezes, suas queixas sobre o sexo sem graça com a sua noiva se deviam ao fato de que ele estava muito cansado por ter se atirado com a tal melhor amiga mais cedo no mesmo dia.

Adara amaldiçoou outra vez pensando no quão cega tinha estado. Hoje em dia ela se sentia mais que contente de ter descoberto a traição de James e Marci. Sua vida sexual com James não tinha sido muito extraordinária, mas ela tinha pensado, ingenuamente, que com o tempo eles se aproximariam.

Perguntou-se novamente sobre seu artigo. Talvez 'as garotas más' tinham razão. Elas jogavam com suas próprias regras e não se machucavam tanto, bem, exceção das mulheres desaparecidas, claro. Mas, pensou ironicamente, não é como se planejasse roubar ou matar alguém. E quem disse que se divertir com o corpo de alguém era uma coisa má de qualquer maneira? Ela tirou seu caderno de anotações da bolsa, pôs em cima do balcão e fitou novamente folheto que lhe deram.

Ela tinha uma lista de vários clubes noturnos famosos, mas este, ela tocou no papel vermelho, este tinha uma reputação única. Conhecido por seus clientes de vestimentas góticas, aspirantes a vampiro e flertes sexuais sem restrições tanto no bar como nos quartos de trás, *Vampland* se transformou no novo ponto de encontro do momento para solteiros procurando sexo quente e intenso com poucas amarras.

Adara balançou a cabeça concordando. Sim. Este seria definitivamente um artigo que deixaria suas leitoras loucas. Afinal, tinha que se ter bastante coragem e o mínimo receio para adentrar em um mundo onde tudo era permitido.

Capítulo Dois

Meg atendeu a porta no segundo golpe. Um homem vestido de preto e parecendo quase irreal estava em pé ali, na escuridão, olhando-a fixamente e sem dizer uma palavra. Assombrada pela sorte, e sem questionar a esquisitice de haver um estranho tão bonito à sua porta, deu um sorriso e moveu-se para trás, convidando-o a entrar. Ele lhe sorriu e ela pestanejou, achando aquele sorriso tremendamente brilhante. Ele fechou e trancou a porta às suas costas, olhando-a com uma concentração que beirava ao fanatismo.

- Você me deseja. - disse ele sem rodeios, a voz profunda fluindo como mel. Diga-me o que quer.

Meg clareou a garganta, os olhos pálidos fixos na ardente escuridão daquele olhar. Ela nunca tinha visto aquele homem antes. Jamais poderia ter esquecido aquele rosto. E ainda assim, respondeu:

- Quero que me tome forte. - disse sem fôlego, as palavras disparadas de seus lábios por algo que não podia explicar. - Eu quero forte e quero lhe sentir rasgando minha carne virginal. - disse e observou o estranho encarando-a sem misericórdia.

Meg sacudiu a cabeça. Claro que gostava de sexo rude, mas nunca tinha considerado realmente fazê-lo analmente. Acabava de dizer a esse estranho grande, forte e bonito que a violasse. Perguntou-se se estava sonhando. Nada daquela noite parecia muito real.

Tragou de forma audível quando ele se despiu. Parecia mais do que preparado para a tarefa. Ela contemplou seu corpo, atraída pelo pêlo escuro que cercava a volumosa arma que apontava para cima, entre as suas coxas.

Ele gesticulou para que se aproximasse e ela se moveu como uma marionete. Uma pequena porção de avareza a lembrou da qualidade de suas roupas e ela jurou que depois que transasse com ele checaria seus bolsos para ver o que tinha de valor. Então foi em sua direção e todos os pensamentos do roubo se desvaneceram.

Ele ergueu sua roupa, suavemente removendo o tecido com o que parecia ser uma navalha em suas mãos. Embora se movesse rapidamente, não lhe provocou nenhum sinal ou gota de sangue. Então a esbofeteou, não forte, mas o suficiente para fazer sua bochecha picar, e Meg sentiu que seu corpo respondia imediatamente.

Embora tivesse transado com aquele playboy horas antes, ele não tinha lhe despertado mais do que a cobiça por seu dinheiro. Este homem, entretanto, fazia-a ferver de necessidade. Ele a girou contra a parede com mãos brutas e a apertou, pressionando-se em seu corpo, deixando que sentisse a ereção grande, dura e palpitante atrás dela.

Ele lhe sujeitou as mãos acima da cabeça e sussurrou palavras que não faziam sentido. Reforçou seus braços e estendeu suas pernas, as abrindo, seu joelho roçando contra a umidade entre suas coxas. Sem uma palavra, ele penetrou seu corpo úmido, seu enorme pênis empurrando dentro dela silenciosamente e ela sentiu um assombroso êxtase brotar por todo corpo.

- Oh, Deus. - ofegou enquanto ele bombeava dentro dela, seu corpo longo e duro, era quase doloroso. Então ele retirou-se depressa e posicionou seu pênis na abertura que ficava mais acima. Meg gemeu quando ele empurrou na carne sensível nunca antes penetrada por um homem. - Por favor. - chorou, agitando a cabeça como se sua mente tentasse diferenciar a intensa dor e o cru prazer que afogavam seu corpo.

Ele grunhiu levemente enquanto empurrava mais fundo em suas apertadas paredes, saindo todo e logo entrando mais forte dentro dela. Meg ofegou com a mescla de prazer e dor crescente. Os dedos dele se moveram, entrando na vagina molhada e sobre o clitóris com suavidade quando empurrou dentro dela mais e mais forte. E então ele curvou a cabeça e ela sentiu verdadeira dor e verdadeiro medo.

Os dentes se afundaram em seu pescoço e ouviu que gemia, os quadris empurravam mais rápido dentro dela, até que ele se estremeceu e gozou em seu interior. Mas ele não tinha terminado. A boca moveu-se sobre seu pescoço, o toque mais gentil quando drenava o sangue de seu corpo em uma velocidade que a assombrou.

Ele inseriu o pênis ainda duro em sua vagina molhada e novamente empurrou dentro e fora, a mão trabalhando na frente, provocando na pequena saliência uma forte tensão de desejo que aumentou quando Meg voou para a liberação. Logo a dor e o prazer se misturaram até que ela não pôde sentir nada, nem a liberação de seu orgasmo quando lhe sobreveio um segundo, nem o negro vazio que consumiu seu corpo e alma da luz.

Trey respirou pesadamente conforme o corpo pulsava, o desejo novamente satisfeito esta noite, duplamente já que a mulher era mais obscura que a anterior. Ela não só havia ferido o homem que roubou mais cedo, como também matado a outros dois durante um

roubo no último mês. Tentou relaxar, para calar as batidas do coração. Mas o sangue que tinha em sua boca tinha um gosto tão bom. Ele ofegou e fitou seu pênis agora flácido, perguntando-se como um homem como ele sentia tanta atração pela escuridão.

Sacudiu a cabeça. Ele não gostava de causar dor, pensou franzindo as sobrancelhas, apenas prazer. Mas a mulher de hoje à noite tinha implorado para violá-la, para lhe induzir dor - uma tarefa que o deixou com um pouco de desgosto. E mesmo assim, ela pediu por isto, e ele sentiu-se obrigado a satisfazer suas necessidades.

Estirou-se e tentou focalizar-se em seu êxito e corpo saciado em vez da dolorosa tristeza que o empurrava para seus crimes. Ele não considerava, como faziam os Anciões, que ajudava à luz. A luz não se alimenta de escuridão, e não tira a vida daqueles julgados indignos por um poder superior. A escuridão causava morte, pensou.

Ele piscou e suas roupas lhe cobriram o corpo. Trey ainda lambia o sangue que manchava seus dentes e suspirou pelo prazer que sentiu. Olhou em seu interior, e viu que já podia voltar para casa, sua tarefa já completada. Então se converteu em névoa e voou de volta para casa nas asas do vazio.

Adara mordeu o lápis em sua boca, surpreendida que James tivesse a cara de pau de aparecer em sua casa depois de tudo que fez. Abriu a porta e o olhou brandamente, sem reagir ao seu aspecto com o rosto machucado e a cabeça enfaixada.

- O que quer? Perguntou friamente.

- Por favor, Adara, só me deixe entrar por alguns segundos e logo irei. - disse e estremeceu pela dor na cabeça.

Adara o encarou e suspirou, elevando as mãos e afastando-se de modo que pudesse entrar.

- Suponho que deveria perguntar o que aconteceu com você. - disse ela pouco entusiasmada.

- Fui roubado. - disse James, parecendo totalmente patético quando piscou envergonhado para ela.

- E eu me importaria por que...? Marci não devia estar cuidando dos seus ferimentos? Não pôde evitar perguntar maldosamente.

- Ela está com a irmã esta semana. - disse ele tranqüilamente, e se sentou sem pedir permissão.

- Ótimo. - disse Adara, suas cicatrizes emocionais palpitando enquanto o olhava. - Por que está aqui?

- O ladrão levou meu relógio. - disse ele amargamente. Você sabe, aquele que a minha mãe comprou para mim? O Rolex? - lhe recordou. - E eu acho que você poderia ter uma cópia da avaliação feita dele. Eu não achei lá em casa.

Adara o contemplou. Tinham se passado quatro meses desde que romperam, mas Adara guardava papéis excelentemente. Pensou depressa. "Espere aqui," ela ordenou, regressando momentos depois com um envelope quadrado. Entregou-o, ciente de que ele estava omitindo alguns detalhes interessantes. "Então, quando te roubaram?"

- Ontem à noite, em minha casa. - ele fez careta e pôs-se de pé. - Ela, eu quero dizer, ele era bem bruto. - disse.

- Ela? Adara perguntou depressa. Ela podia imaginar aquilo muito claramente, como se estivesse lá quando aconteceu. Às vezes tinha visões que a atingiam assim. - Então ela realmente fodeu com você, hein, James?

James a contemplou cuidadosamente, mas não disse nada. – Obrigado. - murmurou e saiu pela a porta. Adara olhou a porta fechada, conjeturando sobre a bizarra cena da visão que teve. Então, James agora se metia com sexo selvagem, hum? Sacudiu a cabeça e sorriu, capaz de rir já que provavelmente a justiça estava a serviço ontem à noite. Agora Marci saberia o que era se sentir a 'mulher errada'.

Adara voltou ao escritório e continuou a trabalhar no computador. Mais tarde aquela noite, arrumou-se com esmero. Ela persuadiu uma amiga, uma jornalista do Rathan Times, a ir ao clube com ela de gozação. Sue tinha uma personalidade borbulhante e um entusiasmo que a faziam a companheira perfeita para sua aventura dentro do lado escuro da vida, pensou Adara.

Tinha acabado de aplicar um pouco de batom quando a campainha tocou.

- Entre. Adara gritou e continuou a trabalhar na maquilagem. Ela congelou quando prestou atenção na mulher atrás dela.

Sue Saxton, normalmente uma loira delicada, vestia um vestido preto longo exibindo um amplo decote e uma longa perna coberta por uma meia arrastão que aparecia por uma fenda que terminava na coxa. Os saltos finos de sete centímetros e meio adornavam os pequenos pés, mas o que realmente chamou a atenção foi o sorriso no rosto de Sue. O cabelo loiro tinha sido repicado, as pontas pintadas de preto. Tinha aplicado alguma base muito branca, fazendo que seus olhos azuis parecessem bem mais azuis contornados com um delineador e rímel pretos e sombra cinza. Os lábios, em comparação, estavam cheios e carnudos pintados de negro. Sue usava poucas jóias, apenas uma gargantilha com um grande crucifixo prateado e um par de argolas prateadas nas orelhas.

"Como estou?" a loira vibrante perguntou, abaixando o tom de voz e soando como uma pobre imitação de Elvira, A Rainha Das Trevas.

"Como uma prostituta gótica." Adara sacudiu a cabeça.

"Você não parece tão brilhante e perspicaz, Morticia," brincou Sue.

Adara olhou para seu reflexo. Ela também usava preto, um vestido longo que a cobria dos pés ao pescoço. O vestido ajustava-se atrás de seu pescoço e revelava seus ombros e braços ao mesmo tempo em que abraçava todas as curvas do seu corpo, alargando-se levemente na altura da panturrilha para facilitar o movimento. Ela decidiu-se por um batom vermelho, não optando pelo look de Sue, mas por uma simplicidade que permitiria que não se sentisse tão estranha. A única outra maquiagem que usava consistia em um delineador preto e em um toque de blush. Além disso, levava postos uns pequenos brincos de ouro.

"E seus sapatos?"

"Uns pretos simples, saltos medianos, eu receio," disse Adara desculpando-se.

"Fantástico," disse Sue com secura. "Bem, ao menos fez um ótimo trabalho com o cabelo."

Adara havia prendido o cabelo no alto com um grampo, separando-o de seu rosto e pescoço de modo que se unisse totalmente no topo da cabeça, soltando-se detrás de seu pescoço em mechas e pequenas ondas. A espessa massa marrom parecia reluzente e quase negra na débil luz do banheiro.

"Bem, companheira, vamos à caça," disse Adara e agarrou sua pequena bolsa.

Adara e Sue não esperaram muito tempo na fila do lado de fora do Vampland. Os vestidos as colocaram na porta mais rápido que os grupos de jovens fãs de vampiro e de universitários curiosos procurando por algo diferente para entretê-los.

"Senhoras." Um enorme segurança vestindo uma espessa capa preta as saudou com um sorriso enquanto recebia delas uma gorjeta. Então, as conduziu para o interior.

Adara ouviu Sue ofegar e compartilhou o sentimento enquanto caminhava pelo clube lotado. Adara viu pessoas vestidas de todos os tipos de estilos, principalmente usando o sempre popular preto. Ela e Sue se ajustaram bem, muito bem, pensou quando uma mulher de capa longa passou por elas.

A atmosfera estava pesada pela fumaça, não proveniente de cigarros, Adara descobriu com certa surpresa, mas da máquina de fumaça próxima ao DJ. A música era agitada, pulsava uma batida tecno que fazia as pessoas se chocarem umas nas outras como se estivessem excessivamente bêbadas.

O enorme espaço era todo em tons escuros de marrom e preto, com grandes cortinas de veludo penduradas nas paredes e junto ao teto para esconder o velho encanamento e a construção antiga.

Por incrível que pareça, Adara reparou que em geral os homens e mulheres no clube eram bastante atraentes. A maioria dos freqüentadores estavam entre os vinte e um anos, de acordo com o aviso de idade mínima permitida do lado de fora, e os trinta e poucos, embora Adara tenha visto algumas pessoas mais velhas no meio da multidão.

Depois de pouco tempo estudando as pessoas, ela e Sue decidiram tomar uma bebida para acalmar os nervos. Alcançaram o atendente do bar e Sue o paquerou escandalosamente, debruçando-se sobre a bancada e capturando com sucesso sua atenção.

"Nossa, Sue, a essa velocidade você vai ser uma das estrelas das minhas entrevistas sobre sexo em público. Por que não pula logo nele e vocês fazem em cima da bancada?” perguntou Adara entre dentes enquanto Sue ria de algo que o homem lhe disse.

Sue sorriu e acenou para ele enquanto agarrava o braço de Adara e a puxava para uma parte menos abarrotada, perto de algumas mesas e longe da pista de dança.

"Olha, viemos aqui para ver como as garotas más se comportam, certo? Bem, esta noite me sinto uma garota má," disse. "Talvez seja sua primeira entrevistada," sussurrou quando o atendente se aproximou.

"Oi," ele disse quando observava as duas com uma contemplação apreciativa. "Sou John, o gerente." sorriu.

"Eu sou Sue e esta é Adara," Sue disse e lhe piscou o olho. "Clube incrível," ela entusiasticamente acenou com a cabeça.

"Temos um monte de pessoas interessantes aqui," disse John, seu olhar oscilando entre Sue e Adara. Sue inclinou-se mais perto e os olhos do gerente novamente fixaram-se em seus generosos seios.

Adara conseguiu evitar revirar os olhos enquanto John e Sue mantinham aquela conversa trivial. Ouvia um pouco do que diziam enquanto os olhos exploravam a multidão, o interesse nas pessoas ao redor sobrepondo-se.

"Um tour?" John perguntou e Adara levantou os olhos até ver os dois encarando-a.

Adara ruborizou levemente, surpreendida comendo com os olhos as pessoas ao redor. "Oh, desculpem-me. Estava distraída," disse indicando com a mão a multidão na pista.

John riu. "Sem problema. É um pouco impressionante no início," disse. "Então, você gostaria de um tour, de um tour completo, Senhora Escritora?" Ele perguntou com um sorriso malicioso.

Adara olhou furiosamente para Sue que encolheu os ombros. "E daí, eu disse a ele. Não é nenhum segredo o porquê de estarmos aqui."

"Você não se importa, John? Eu não ia querer lhe atrapalhar em algo," Adara murmurou, a possibilidade de saber como pensava alguém dali lhe fascinando.

John deu uma risada e olhou sem pressa para a maneira escassa em que Sue estava vestida, fazendo-a corar. "Será um prazer. Preciso lhes dizer, temos muita gente bonita e interessante aqui. Mas você duas realmente se sobressaem." As elogiou dando um sorriso sincero.

Sue iluminou-se e Adara sorriu e agradeceu, apesar de não ter entendido perfeitamente o que ele quis dizer com aquilo. Surpreendentemente, Adara tinha sido elogiada por sua aparência durante toda a vida. Ela nunca viu algo especial em sua compleição alta e rosto normal. Tinha o cabelo castanho escuro e olhos castanhos, um nariz reto e uma boca que havia sido acusada diversas vezes de dizer sempre o que pensava. Não compreendia porque os homens pareciam notá-la dentre outras mulheres. Já Sue, pensou consigo mesma, Sue sobressaía-se.

Uma loira delicada, com uma quantia assombrosa de curvas, Sue possuía aquela combinação escandinava infalível de cabelos loiros e olhos azuis que lhe davam um efeito sexual fatal. E sua personalidade efusiva só aumentava a atração.

Mas como cavalo dado não se olha os dentes, Adara deu de ombros e moveu-se pelo clube com Sue e seu guia.

Capítulo Três

Adara se deu conta de que John revelava-se um divertido anfitrião. Elas prestaram atenção enquanto ele falava do clube e de seu começo.

- Há três anos atrás, este lugar era bastante enfadonho. Quero dizer, nós ficamos fora da cidade, e Rathan, mesmo não sendo pequena, não é a Filadélfia. Isso aqui era um bar de sinuca chamado Smiley’s e estava decaindo rápido, como o resto da parte oeste de Rathan.

Então, Trey apareceu, e logo o lugar transformou-se em um sucesso noturno. Estamos atraindo pessoas da Filadélfia, Nova Jersey, e até de Nova Iorque, quando conseguem escapar por um final de semana. Vocês vieram no dia perfeito. Sextas-feiras geralmente são as melhores noites. - sorriu.

- Trey? - perguntou Adara.

- Trey Blackthorne. Ele é o dono e o gênio por trás deste lugar. Se ele estiver por aqui, eu as apresentarei mais tarde. - John as conduziu para longe do bar e da pista, até uma escadaria que levava ao segundo andar. - Aqui em cima é a área VIP. - disse e acenou a cabeça para um homem robusto que vigiava a escada. O homem assentiu e ergueu uma corda aveludada, permitindo a entrada dos três.

- Temos várias pessoas que preferem a tranqüilidade daqui de cima, a intimidade e o anonimato de um ambiente mais escuro, que podemos oferecer, longe das luzes lá de baixo. - Indicou John sobre o ombro. Adara viu que assim como no andar de baixo, aquela área estava lotada. Notou várias tendas fechadas com cortinas encostadas nas paredes.

- Cabines para privacidade. – disse John com uma indicação de cabeça naquela direção. - São caras, mas valem à pena. Ele olhou para Sue e Adara e deu de ombros. - Eu sei que vocês nunca vieram aqui, porém precisam conhecer o tipo de lugar onde estão. Aqui é um clube de fantasia erótica. - disse sem rodeios.

- Lá embaixo é mais para o agito, para o público mais jovem. Aqui em cima temos uma clientela mais elevada. - disse e caminhou com elas para outra escadaria na parte de trás.

- Esta nos leva aos quartos dos fundos, a área sussurrada 'área sombria' do clube. Tudo tolices, é claro. - desprezou a idéia sem dar-lhe importância.

Eles desceram de volta ao térreo e entraram no que parecia um luxuoso saguão de hotel, com nada de pouco valor ou de mau gosto à volta. Havia várias portas dos dois lados do corredor e Adara podia ver que este se curvava para baixo mais adiante, para poder comportar mais quartos.

Quando eles começaram a percorrer o corredor passaram por uma porta onde Adara acreditou ter ouvido uns gemidos esquisitos.

- Não permitimos drogas, prostituição, ou qualquer coisa ilegal ou prejudicial aos nossos clientes. - disse John tranquilamente quando eles pararam do lado de fora de uma porta. Ele bateu e em seguida abriu ao ouvir um cordial “Entre.” Adara viu um grupo de homens e mulheres bem vestidos entretidos em um animado jogo de *strip poker*. John sorriu e fechou a porta atrás deles quando partiram.

- Vou admitir que atendemos um público diferente. Mas o Vampland é um lugar para divertir-se com sua sexualidade. Pode-se alugar estes quartos para qualquer coisa que se deseje. - disse. – Mas, se ficarmos sabendo de prostituição ou drogas, os envolvidos serão postos para fora. Alguns quartos são mais adequados para, devemos dizer, entretenimentos horizontais. - sorriu e olhou para Sue. - Outros são pontos de encontro divertidos para jogadores, casais ou festas.

- E orgias? - Adara perguntou ironicamente quando os gemidos do primeiro quarto soaram mais alto.

- Interessada? - perguntou John parecendo surpreso. Sue conseguiu sufocar uma risada e ele riu abertamente. - Oh, só curiosa, claro. Bem, como eu disse, nós alugamos os quartos. Não interferimos nas atividades dos nossos clientes a menos que recebamos reclamações. Todos que entram nesses quartos o fazem com consentimento e de livre e espontânea vontade.

- Tudo isso não é só mais um modo de promover prostituição e sexo selvagem? - Adara perguntou. Ela não compreendia como a lei ainda não tinha trancafiado esse tal de Trey.

John agitou a cabeça. - De maneira alguma. Adara, as pessoas que vêm ao Vampland querem excitação e aventura, algo fora do normal. Não nos pagam por sexo. Eles trazem suas fantasias aqui e nós os agradamos. Você não viu as pessoas fantasiadas lá fora? Agora, se quiser conhecer um vampiro de verdade, - disse sorrindo e conduzindo-as até a porta que levava a área do térreo. - Eu a apresentarei ao meu chefe.

John escoltou até uma parede longe da pista de dança onde havia uma escada. Adara e Sue pararam no último degrau e esperaram enquanto ele se deslizava para dentro. Então, ele abriu a porta e fez gestos para que o seguissem.

Adara viu um pequeno aposento que parecia uma sala de espera. Uma poltrona pequena e várias cadeiras estavam cuidadosamente dispostas em volta de uma mesa. Ela percebeu que a mobília parecia incrivelmente limpa e confortável, toda em tons de marrom escuro e azul marinho. O respaldo da poltrona, estilo Rainha Anne, era em mogno, assim como as cadeiras e a mesa.

John as esperava ao lado da porta da parede oposta. Conduziu-as por esta e foram andando em fila, Adara por último. Quando entraram, teve que ajustar seus olhos a pouca iluminação do lugar. Este era duas vezes maior que a sala de espera. Permanecia na escuridão, exceto por uma luminária em cima de uma mesa de trabalho imaculadamente organizada.

John levantou um interruptor e uma luz no teto fez que todos ficassem visíveis. Sue ofegou audivelmente e Adara prendeu o fôlego quando viram o homem que John iria apresentar-lhes.

John sorriu. - Sue, Adara, eu gostaria de apresentá-las ao homem por trás do mistério, Trey Blackthorne.

Blackthorne pôs-se de pé e deu a volta na mesa para conhecê-las. Os olhos, escuros e penetrantes, pareciam absorver todos os detalhes, enquanto as fitava de uma superioridade sobrenatural.

Elevava-se muito além de Sue e Adara calculou que tinha mais de um metro e noventa.

- Encantado em conhecê-la. - disse em tom baixo e elegante quando beijou a débil mão de Sue. Ela sorriu debilmente e retrocedeu, como se intimidada pela presença do homem extremamente grande.

Então ele virou-se e seu corpo endureceu parcialmente durante uma fração de segundo, o que ninguém, com exceção de Adara, pareceu notar.

Blackthorne curvou-se para beijá-la na mão e Adara sentiu um calor ardente assaltá-la no instante em que os lábios macios acariciaram a pele.

- Adara, um nome encantador. - disse em uma voz profunda. Os olhos arderam de necessidade antes que pudesse esconder a emoção por trás de uma fachada de cortesia. John mencionou que Sue e Adara tinham feito um tour pelo clube, mas os olhos de Blackthorne não deixavam seu rosto.

- Interessante. - Blackthorne disse e concedeu um cálido sorriso a Sue e John. - Estão se divertindo, eu espero? - indagou Sue.

- Perfeitamente. - respondeu e tomou a mão de John. Ele lhe sorriu e Adara viu o olhar amoroso que compartilharam. Pelo visto, Sue decidiu experimentar a fantasia de garota malvada agora mesmo, pensou Adara com certa ironia.

Blackthorne deve ter percebido o mesmo, porque sorriu e disse: - John, por que não entretém Sue aqui por um tempo? Dê-lhe o tratamento VIP. Tudo por conta da casa. Sue deu uma risada e deixou Adara sem sequer olhar para trás, surpreendendo a amiga.

Adara viu os dois irem com um pouco de desconforto, ciente de estar completamente sozinha com um homem estranho que fazia seu interior incendiar com um toque. Virou-se para ver que Blackthorne havia dirigido-se a um pequeno bar encostado à parede.

- Gostaria de beber algo? - perguntou cortesmente, suas maneiras perfeitamente civilizadas.

Adara assentiu. - Sim, obrigada. Você tem algum vinho?

Ele despejou um líquido avermelhado que parecia cintilar dentro da taça de cristal que lhe estendeu. Quando lhe passou a taça, seus dedos se tocaram e Adara não pôde evitar o rápido ofego que lhe escapou.

- Adara? Murmurou Blackthorne enquanto a olhava com uma intensidade que a fez estremecer. - Beba seu vinho. - disse em uma voz gutural.

Ele entornou algo para si, mas seus olhos continuavam nos dela conforme bebia.

Adara se sentiu nervosa e desconfortável sob sua mirada, e de repente disse a primeira coisa que veio à mente.

- Acho que Sue gosta mesmo do John. - disse rapidamente.

Blackthorne sorriu, os olhos escuros brilhando como ônix lapidado quando a olhou no rosto, os olhos estudando os traços como se os quisesse decorar.

- E John gosta dela. Neste momento, eles estão no saguão de trás dirigindo-se a um agradável e tranqüilo quarto. – disse ele, a voz sedutora e em um ritmo relaxante.

- Olhe. - disse e levemente segurou seu braço para puxá-la mais perto do monitor que exibia os movimentos do casal.

Adara assistiu quando John parou com Sue na frente de uma porta e abaixou a cabeça para beijá-la com abandono. Adara corou e sentiu os olhos de Blackthorne nela.

- Bem, suponho que ambos são adultos. - comentou ela vagamente, se perguntando por que de repente sentia-se pudica e envergonhada. Virou a cabeça, mas as mãos de Blackthorne seguraram seu rosto e fizeram com que fitasse novamente a tela. Seus quadris responderam ao contato e teve que trabalhar para acalmar a respiração.

- Agora vê o que ele está fazendo? - perguntou Blackthorne suavemente quando se colocou atrás dela, olhando o monitor por cima de sua cabeça.

Adara assentiu sem fôlego quando assistiu John puxar o vestido de Sue para o lado, revelando seus seios. Então, ele desceu a boca para experimentar a pele exposta. Adara viu assombrada como Sue deixava um completo estranho desnudar seus seios em um corredor, um lugar onde qualquer pessoa poderia vê-los. Mas, ao mesmo tempo, Adara sentiu um estranho estremecimento no estômago, uma pista da excitação de haver um homem enigmático atrás dela enquanto assistia a cena sensual. Assistiu com ele em silêncio quando John abriu a porta e os dois se fecharam no quarto, deixando o resto do encontro para a imaginação.

- Agora, você quer saber o que estão fazendo? - perguntou Blackthorne. O hálito sussurrado na orelha, morno e excitante. As mãos dele subiram para acariciar seu cabelo, removendo o grampo que o prendia. Ele suspirou quando o cabelo caiu sobre seus dedos. - Tão sedoso. - disse e enterrou o nariz nele. - E tão puro.

- Como, como sabe o que eles estão fazendo agora? - perguntou Adara, o corpo tremendo levemente quando a luxúria a envolveu. Podia sentir o coração batendo mais rápido, os mamilos rijos pressionando contra o fino tecido do vestido quando Blackthorne a apertou.

- Meu nome é Trey. - disse enquanto lambia sua orelha. Adara arfou e gemeu levemente quando ele percorreu com uma mão enorme seu braço. Olhou para baixo e estudou a mão repousada nele. Dedos longos com unhas incrivelmente bem-feitas, uma

palma macia e cálida contra a pele, aquela mão parecia uma obra de arte em mármore. - Diga meu nome. - disse e lambeu sua orelha.

- Trey. - sussurrou Adara.

- E apesar de não poder ver por uma câmera o que eles estão fazendo, eu sei. Devo lhe mostrar? - perguntou.

Adara viu-se concordando com a cabeça, curiosa sobre como ele podia ver o que faziam. Mas ela entendeu mal suas palavras, já que ele de repente abriu a gola do seu vestido.

Ela deu a volta para encará-lo, chocada por ter permitido que sua excitação a tivesse levado tão longe.

- Tímida? - perguntou com um pequeno gracejo. - Não seja. - disse e um sorriso o deixou. - Você tem a mais linda luz. - murmurou e desceu a boca até seus lábios.

Como um mago das trevas, ele trouxe seu corpo à vida com um simples toque. Os lábios moviam-se sobre os seus sensualmente, saboreando e investigando. Ela gemeu em paixão e a língua dele deslizou por entre seus lábios, capturando sua boca. Ele tinha gosto de vinho e de algo ligeiramente antigo, pensou, suspirando quando as mãos dele passearam por suas costas e mais embaixo.

Ele a acariciou suavemente com as mãos enquanto sua boca roubava seu fôlego. As mãos grandes cobrindo seu traseiro macio, atraindo-a mais perto até pressionar a volumosa ereção. Adara só podia imaginar que era imensa, sentindo o corpo rígido e pulsante contra o seu.

- John trabalha rápido. - murmurou ele em seu ouvido, as mãos deixando suas costas para acariciá-la na frente. Moveram-se sobre sua barriga e foram até seus seios.

- Ele está com sua amiga nua e já está completamente dentro dela. - disse brandamente. - Mas eu gosto de fazer as coisas lentamente. - sussurrou.

Suas mãos provocaram seus seios, beliscando os mamilos com um delicioso cuidado, fazendo-a se contorcer contra ele, seu corpo buscando liberação.

- Sim. - sussurrou ele, os olhos escuros e insondáveis quando fixou o olhar no dela.

- Gosto de saborear as coisas.

Regressou a sua boca, lambendo cada pedacinho dela. Ela correspondeu, tocando sua boca ligeiramente com a língua. Ele gemeu levemente e ela deslizou sua língua por cima dos seus dentes, curiosa quando os sentiu pontudos, arranhando-a.

Ele a segurou mais intensamente, chupando sua língua e apertando-a mais forte. Então, liberou sua boca respirando profundamente.

- Você me torna um faminto. - disse asperamente, fitando-a. Lambeu os lábios vermelhos e a ergueu nos braços. Depois, sentou-a na beira da mesa e moveu-se entre suas coxas, subindo seu vestido acima dos joelhos. - É suave. - disse quando acariciou suas pernas cobertas de seda, ao mesmo tempo em que a olhava nos olhos. Seus dedos avançaram lentamente acima e sorriu quando tocou a barra de elástico das meias sete oitavos.

Então, ele se prostou de joelhos e Adara o olhou surpresa.

- O que está fazendo? - perguntou ela roucamente.

- O que quiser que eu faça. - disse ele ternamente, movendo as mãos de suas pernas para suas coxas. Subiu mais seu vestido até que pôde ver suas calcinhas pretas.

- Muito bom. - disse e acariciou-a através do tecido. Ele pôde sentir a umidade e sorriu apreciativamente. - Muito bom. - repetiu e rasgou sua calcinha, tirando-a de seu corpo.

Adara arfou quando sua lingerie de repente desapareceu. Mas, antes que pudesse pensar, ele colocou a boca onde a mão tinha estado e todos os pensamentos abandonaram sua mente. Ele afastou mais suas coxas e separou suas suaves dobras, a boca colocada firmemente ao seu excitado clitóris. Ele sugou, gemendo suavemente quando deslizou um longo dedo dentro de seu molhado e necessitado corpo.

A cabeça de Adara caiu para trás e ela gemeu seu nome, assombrada com o que estava fazendo. - Trey, o que está fazendo comigo?

Mas ele continuou a lhe dar prazer, as mãos segurando suas coxas, forte o bastante para deixar marcas, porém, ela não sentia nada a não ser aquela boca nela. A língua dele dava batidinhas rápidas e ela arfava de prazer, seu desejo aumentando com cada toque.

- É tão bom. - gemeu e balançou-se contra ele, precisando que entrasse nela imediatamente, naquele exato momento. Ada Vansant, uma mulher que nunca havia feito nada inapropriado durante toda a vida, de repente estava entregando seu corpo a um completo estranho.

Mas ela não podia sentir nada a não ser o êxtase a atravessando quando seus lábios a abraçaram, quando sua língua a levou ao orgasmo. Ele moveu a boca sobre ela, sugando-a mais forte e Adara era incapaz de parar o orgasmo iminente. Ela gemeu quando as ondas do êxtase quebraram sobre ela uma e outra vez, apenas consciente de que segurava a cabeça dele entre as pernas, as mãos agarradas com força aos seus cabelos enquanto sua língua continuava a lambê-la.

Quando seu corpo finalmente se acalmou o suficiente para poder focalizar-se em Trey, piscou sonhadoramente e olhou quando ele ficou em pé e moveu a mão para desabotoar suas calças escuras.

Capítulo Quatro

Trey fez uma pausa após o estalo do botão, fixando a vista nela com uma fome sobrenatural no olhar.

- Não acho que possa fazer isto. - disse brandamente enquanto a contemplava. Trey nunca havia experimentado nada como o que acabara de fazer em toda sua vida. A fome familiar surgiu no momento em que viu sua aura, mas que aura para se admirar.

Diferente da negra escuridão das mulheres cujas vidas ele vivia para tirar, a luz de Adara brilhava ferozmente, tão colorida e brilhante como a paixão da mulher. Um resplandecente arco-íris de cores palpitava ao redor dela, a energia chamando-o para absorver só um pouco.

Ele não se deu conta de como ela o afetaria. Tinha provado sua boca, acariciado seu dócil corpo e foi incapaz de parar de lamber sua essência, o mel adocicado que fluía entre suas coxas. E agora seu corpo palpitava e pulsava, pedindo liberação. Ainda assim, contemplava Adara, fascinado por sua cintilante beleza.

Ele não podia tolerar arrancar a alma de seu corpo. Nunca havia possuído uma mulher sem beber seu sangue. Por outro lado, jamais havia sentido esta crua emoção antes. Estava

faminto, sim, mas os batimentos de seu coração, o suave puxão de sua alma, confundiam-no.

Adara o contemplou avidamente, encantada e ainda vagamente inebriada por sua própria paixão.

- Você precisa. - disse ela e assentiu, como se fosse consciente do buraco que ardia em chamas em seu coração. Ele necessitava muito mais do que acreditava que ela poderia dar. Mas nisto se equivocava. Como se controlado por algo fora de si, abriu a calça e liberou seu grosso pênis, oferecendo-se a ela.

Ela olhou com fascinação quando ele se acariciou, seus dedos deslizando-se ao longo de seu volumoso órgão e esfregando as gotas de umidade da ponta. Ela lambeu os lábios e ele gemeu, sua mão se movendo sobre seu eixo uma e outra vez, fantasiando sua boca sobre ele.

Então ela o tocou com a mão, detendo seu movimento. Ele a olhou, sua respiração saindo em pesadas baforadas.

- O que você quer? – perguntou ela com uma voz rouca, soando estranhamente como ele quando usufruía dos últimos momentos da vida das mulheres das quais as vidas era forçado a tirar. Entregando-se a ela, a seu destino, se de fato seu tempo houvesse chegado, ele fechou os olhos e rezou que tivesse força para resistir.

- Quero que me beije.

Ela retirou a mão e se ajoelhou ante ele, suplicante e cultuando-o quando beijou a cabeça de seu pênis demorando-se com os lábios.

- Quero que use a língua. - ele gemeu e olhou como sua brilhante e rosada língua percorria seu órgão, fazendo-o estremecer pela necessidade de penetrá-la violentamente. Ele sentiu os dentes crescerem e perfurarem seu lábio inferior quando apertou a mandíbula.

- Quero que me chupe. - disse ele densamente, o corpo tão perto do clímax que temeu não agüentar mais um minuto se ela realmente continuasse.

Então aquela boca se fechou sobre ele e ele estava perdido. Ela o tragou, tomando-o até o fundo de sua garganta enquanto sua boca lhe masturbava, sua língua acariciando-o e seus lábios se enrroscando ao seu redor, sugando-o delicadamente. Depois a boca se apertou ao redor de seu eixo, e seus dedos massagearam seus suaves e aveludados testículos que se esticaram insuportavelmente sob seu toque.

Ele ofegou em voz alta, seus compridos dedos agarrando a mesa com força suficiente para deixar marcas. Ele não se atrevia a tocá-la, mas não podia evitar empurrar o pênis mais fundo em sua boca enquanto ela mamava, a cavidade quente alimentando sua luxúria até que não pôde ver nada, exceto a sombra de seu arco-íris o rodeando.

- OH, sim. - gemeu enquanto empurrava. - Sim, sim, Adara, mais. - ofegou.

Então ela chupou mais forte e o clímax arrebentou numa explosão de cores. Ele gemeu indefeso quando gozou em sua boca, seu corpo pulsando e derramando sua branca e leitosa essência. Ela o engoliu e continuou sugando-o até que ele não tinha mais nada para lhe dar. Então ela diminuiu a intensidade e o lambeu, tomando até a última gota de seu orgasmo na boca.

Ela se levantou e ele se apoiou na mesa, instável, confuso e completamente satisfeito.

- Meu Deus. - disse ele com voz rouca quando colocou os olhos nela. - Quem é você?

Adara sorriu e elevou-se para beijá-lo. Ele estremeceu ao sentir o próprio sabor em seus lábios, inundado em sentimentos que fizeram seu coração acelerar.

- Acho que agora sou uma garota malvada. - disse ela com uma piscada e saiu pela porta.

Trey riu levemente e arrumou a roupa. Ele não entendia por que ou como aquilo tinha acontecido, mas sentiu como se sua humanidade tivesse-lhe sido devolvida, nem que fosse uma pequena porção.

Ele maravilhou-se de não ter tido que se alimentar de seu sangue para alcançar o orgasmo, e que estivesse completamente saciado por aquele doce corpo. Piscou em choque tentando entender o que acabava de ocorrer em seu escritório.

Nunca antes havia sido tão amado ou se sentido tão querido. E apostaria a alma que Adara tinha tido o orgasmo mais satisfatório de sua vida, pensou com satisfação.

Mas precisava saber mais sobre ela, pensou em pânico. Então ele olhou para a mesa e viu que ela havia deixado seu cartão. Respirou profundamente, relaxado, e deixou a porta do escritório aberta para o ar circular. Cheirava a sexo, pensou, e se perguntou quando poderia conseguir outro encontro com a mulher que tinha começado a lhe restaurar a alma.

Depois de passar um tempo recuperando o controle, desceu a escada e entrou na ala posterior, aproximando-se da porta onde tinha visto John e Sue. Ele escutou e ouviu gemidos. Apesar disto, abriu a porta e esperou na entrada que John terminasse. John tinha Sue com as mãos e os joelhos apoiados na cama, seus peitos balançando enquanto a tomava por trás. Ela gemeu e se elevou quando ele empurrou dentro dela dando uma estocada final, a boca movendo-se sensualmente sobre seu pescoço, um pequeno fio vermelho escorrendo por suas costas.

- Tenha cuidado, John,. - disse Trey brandamente.

Imediatamente, John retirou a boca de seu pescoço e deslizou-se fora de seu corpo devagar, os olhos fechados de prazer enquanto sentia o corpo dela liberá-lo lentamente.

Trey olhava, os olhos obscurecendo-se conforme imaginava Adara em tal estado. Esperou até que John se vestiu e ajudou Sue a fazê-lo. Então lembrou a John, com um pequeno aceno, que fechasse a ferida no pescoço de Sue. John ruborizou, pelo visto ainda recuperando-se da excitação de alimentar-se, e o fez rapidamente. Então ele acompanhou Sue até a porta e deu-lhe um beijou de despedida.

- Não tive tal explosão por anos. - John suspirou e tombou-se na cama cansadamente. - Estou te dizendo, Trey, a possuí de sete maneiras diferentes desde domingo e ainda a desejo.

Trey balançou a cabeça negativamente. – Controle-se ou será uma vítima do desejo por sangue. E confie em mim, John, não vai querer matá-la.

John empalideceu e sentou-se, seu bom humor moderado enquanto escutava seu mentor. - Certo. - esclareceu a garganta. - E então, como Adara e você se deram?

- Bem. - Trey deu de ombros e pôde ler a desilusão no rosto de John. Ele sabia que o jovem vampiro preocupava-se com ele, mas ninguém nesta terra sabia do que Trey havia sido encarregado de fazer durante os últimos anos. Trey mesmo desconhecia quanto tempo mais poderia sobreviver ao vazio negro que invadia sua alma. Até a chegada de Adara, ele não havia visto nehuma centelha de luz em nada a não ser na passagem das almas para o além.

- Bem, sinto que as coisas não deram certo. - John levantou-se e esticou o corpo. - Mas pode estar certo de que verei aquela pequena fera outra vez. Ela recorda um pouco do que fizemos, mas não tudo. - John sorriu abertamente, as presas brilhantes e pontudas.

- Bem, acho que você já se divertiu bastante, hmm? Hora de voltar ao trabalho. - disse Trey com um suspiro e esperou que John o antecedesse.

* * * *

Três dias depois Adara leu o jornal e soltou um ofêgo assustado. A mulher que tinha roubado James aparentemente havia desaparecido. Ela reconheceu a foto de Meg Cabot no jornal devido à breve visão que teve do roubo do ex.

Franziu o cenho ao saber de outra mulher desaparecida. De novo algum membro de comitê de vigilância da moral e dos bons costumes radical capturou-a e fez só Deus sabe o que com uma mulher perversa propensa ao roubo e ao assasinato. Adara concluiu que James tinha tido sorte de que a mulher não o tivesse matado, quando leu no jornal as descrições de suas várias outras vítimas.

Ela voltou ao computador e digitou a primeira parte, das sete da série. Ruborizou-se quando recordou seu comportamento devasso com Trey Blackthorne. Tateou o teclado e depressa apagou o rio de palavras inúteis que havia teclado.

Suspirou quando recordou seu toque. Nunca havia desejado um homem tão completamente antes. E nunca em sua vida tinha recebido, sem mencionar feito, sexo oral em um homem que acabava de conhecer. Corou, mas sorriu fugazmente quando se deu conta que ela agora pertencia ao grupo das garotas malvadas que escreviam para a Chique Venture falando sobre suas ‘aventuras mais safadas’.

Não podia imaginar James e Marci sendo tão ousados, pensou com um sorriso enorme. Mas, ao pensar em James, a mente voltou para Meg Cabot. Seu instinto zumbia, perguntava-se o por quê de nos últimos poucos meses tantas mulheres desaparecerem nessa área do país. Certamente haveria registros dos últimos anos sobre casos de mulheres desaparecidas, todas pelo visto lindas, mas com vidas secretas chocantes. Porém, as coisas tinham estado particularmente quietas no ano passado.

Adara balançou a cabeça. Aquela era uma história para Sue, pensou com um sorriso. Sue tinha contado todos os detalhes de seu encontro com John no dia seguinte de sua ida ao Vampland. Fez com que o que Adara e Trey fizeram parecessem preliminares inofensivas. Claro, Adara disse a Sue que nada havia acontecido. Sue tinha acreditado. Depois de tudo, Adara não fazia coisas daquelas, nunca, e na cabeça de Sue, nunca faria.

Sacudiu novamente a cabeça. Ao menos a história de Sue e o passeio pelo Vampland foram ótimos para seu primeiro artigo. Ela usou algumas das experiências de Sue nele, mas não queria desperdiçar tudo de uma vez, e sim deixar os detalhes mais suculentos para os próximos. Tinha mudado os nomes e alguns pormenores, usando a imaginação para preencher as outras lacunas.

Ela suspirou e se recostou, necessitando de um copo d’água. De repente, sentiu muita sede. Adara foi a cozinha e bebeu avidamente um copo d’água, e em seguida tomou outro. Ainda assim sentia-se sedenta. Ela piscou e tropeçou quando uma visão a assaltou. Gemeu

quando golpeou o chão, recordando que em vinte anos nenhuma visão a tinha golpeado com tanta força.

Em sua visão, ela viu como uma mulher, uma esbelta morena numa saia curta de pregas e salto alto, disparava dentro de um quarto cheio de gente. O sangue respingava pelo quarto e os corpos caíam como peças de um dominó. A mulher então procurou na bolsa um espelho e deixou cair a arma, pintando os lábios quando a polícia chegou para prendê-la.

Adara piscou e esteve a ponto de se levantar quando outra visão a golpeou, essa mais sombria e mais vívida.

Ela viu quando a mulher, Brenda alguma coisa, dava voltas por sua cela, como um tigre enjaulado. Jogou o longo cabelo castanho, sua lasciva boca abrindo-se para o guarda que lhe servia a refeição. Ela atirou o prato contra o guarda e se jogou na beliche.

O quarto obscureceu com a noite e as mulheres nas celas ao lado da de Brenda dormiram. Brenda está meio adormecida quando de repente um homem muito grande a cobre. Ele sussurra algo que Adara não pode ouvir e ela vê como ele arrasta a mulher pelos pés. Ela não luta, simplesmente permanece como um galho de uma árvore ondulando na brisa. Como se ciente da observação de Adara, o homem olhou sobre seu ombro e Adara ofegou quando o reconheceu. Trey Blackthorne piscou com remorso, entristecido por tê-la reconhecido. Mas então ele se voltou para a mulher na cela. Com unhas assombrosamente largas retorcidas como garras, ele rasgou a metade superior de sua roupa, deixando Brenda quase nua, a pele branca brilhando na escuridão.

Trey curvou a cabeça e arranhou um de seus seios com a boca, um pequeno rastro de sangue gotejando de seu corpo quando ele levantou a cabeça. A mulher suspirou feliz e o puxou mais perto como se apreciasse seu toque. Então ele levantou a cabeça e cravou a vista nela. Falou em um idioma agradável que Adara não pôde entender e a mulher agitou a cabeça lentamente.

Então, toda a delicadeza o abandonou e ele rudamente dobrou sua cabeça para expor seu pescoço, a mão agarrando seu cabelo em punho firme. Ele aproximou a cabeça de seu pescoço e Adara viu espantada como seus dentes se alargaram, suas brilhantes pontas incrivelmente brancas antes que se cravassem no pescoço de Brenda. Viu com horrorizada fascinação como ele chupou vorazmente, suaves sons de necessidade ressonando na cela escura.

O corpo de Brenda pareceu escurecer, o branco de sua pele salpicado por uma ducha de escuridão enquanto o vampiro se alimentava dela. Quando Brenda esteve completamente envolta em um revestimento de vidro negro, Trey abandonou seu pescoço, seus dentes retrocedendo para encaixar de novo na boca. Ele olhou quando Brenda suspirou, seus olhos fechados. Seu corpo de repente brilhou fracamente até que a escuridão que tinha alcançado seu corpo voltou para envolvê-la. Adara pensou ter ouvido um grito vago quando um brilho repentino de luz estalou. E logo tudo ficou em silêncio.

Capítulo Cinco

Adara piscou e enxergou seu duro assoalho de madeira em confusão. Então sua visão retornou e seus olhos arregalaram-se de medo. Ela precisava sair dali, pensou desesperadamente, enquanto ficava de pé depressa. Ela acreditou no que viu, conhecia a verdade em seu dom psíquico.

- Oh, meu Deus. - disse em voz alta quando jogou apressadamente uma mochila em cima da cama e encheu-a de roupas aleatoriamente. Trey Blackthorne era um vampiro, uma criatura sexual chupadora de sangue que havia feito algo decididamente mau naquela cela. A mulher, Brenda, carbonizou ou desapareceu completamente, atirada para fora da existência, pensou Adara aflita. E, de alguma maneira, Trey a viu – Adara - assistindo a tudo isso.

Ela rapidamente fechou a mochila e encheu uma pasta com o seu notebook e documentos. Então, agarrando tudo, apressou-se até a porta da frente e se deparou com ela aberta.

- Indo a algum lugar? – perguntou Trey com uma expressão suave, sua imensa forma aproximando-se perigosamente da escura entrada da casa. Adara soltou o que levava e recuou. Mas emitiu um grito afogado quando ele entrou pela porta.

- Não o convidei a entrar. - disse ela. - Você não foi convidado. - repetiu firmemente, recordando os velhos mitos de vampiro, o pânico crescendo. - Você não pode entrar!

- Mas eu sou especial. - disse Trey calmamente e fechou a porta atrás de si, trancando-a com um ameaçador ruído seco. - Eu não preciso de um convite.

Ele a seguiu, movendo-se silenciosamente sobre o assoalho.

- O que quer? - perguntou Adara, tentando pensar em uma forma de pará-lo. Vampiro, ele é um vampiro, disse a si mesma. Ela agilmente saltou em direção ao seu quarto, trancando a porta. Adara correu até seu porta-jóias justo quando ouviu a maçaneta girar.

Finalmente, ela pensou quando agarrou com força uma cruz em suas mãos. A porta abriu em um disparo, a fechadura claramente rompida, e Trey a encarava com decepção.

- Esperava mais de você, Adara. Você é diferente. – disse balançando a cabeça negativamente. Ele chegou mais perto quando ela empunhou o crucifixo em sua direção.

- Afaste-se – disse ela temerosamente.

Trey estendeu a mão e gentilmente envolveu o crucifixo e seu punho. Adara ofegou.

- Você não deveria estar se tornando fumaça ou algo assim? – perguntou.

O olhar de Trey ampliou-se, uma pitada de humor relampejando nas sérias profundidades de seus olhos. – Você assiste muita televisão, Adara. Não, amor, - disse suavemente, seu olhar impossivelmente intenso enquanto a observava. – Estou do lado Dele. – disse e estendeu a mão com o crucifixo para ela.

Ela sacudiu a cabeça, os olhos castanhos escuros tornando-se negros ao analisá-lo, confusa.

- Mas eu vi você matar uma mulher hoje à noite. – Quando se ouviu dizer isso, seu cérebro de repente juntou as partes do estranho mistério do desaparecimento das mulheres ao longo dos últimos meses. Ela ofegou. - Era você o tempo todo. – tragou audivelmente. - Você assassinou todas aquelas mulheres.

Trey sacudiu a cabeça.

- E eu achava que aquelas com a Visão eram ciganas vestidas com longas saias e vários braceletes. – replicou ele, olhando-a curiosamente. - Como me viu hoje à noite? - perguntou, sem comentar sobre suas acusações.

Adara meramente o observava, buscando uma maneira de escapar. Ela conjeturou se algo daquilo era real. Imagens anteriores da sexualidade crua de Trey e de seu cuidado com ela confundiram-se com a violência daquela noite. Ela não sabia no que acreditar.

Trey fitava Adara com algo similar à compaixão.

- Adara, por favor, sente-se e me deixe explicar o que eu puder. – propôs ele em uma voz baixa. Algo naquela mulher chamava por ele e não podia deixá-la vê-lo como era, como um monstro. Vendo-se com pouca escolha, Adara sentou-se depressa na cama, tão longe dele quanto podia.

- Eu sou um vampiro. – começou ele. - Isso já sabe. Eu nasci um vampiro, mas de pais mortais. Uma circunstância muito excepcional. - Ele viu seus olhos alargarem e soube que ela aguardava suas palavras.

- Se eu vivo para pagas pelos pecados dos meus ancestrais ou sou destinado a reparar um crime que cometi em outra vida, eu não tenho como saber.

É uma existência que passei a odiar. Eu costumava sentir apenas os impulsos de me alimentar, de sobreviver. Mas ultimamente os impulsos estão mais fortes, mais intensos. O sangue não é o bastante. E a única coisa que posso fazer para sossegar esses impulsos é encontrar liberação no prazer sexual. - disse ele com a voz rouca, os olhos vagando por seu corpo curvilíneo, recordando tudo sobre seu aroma, seu gosto.

- A fome é impossível de resistir, a escuridão uma isca que atrai o mais vigoroso e nobre dos tolos. – disse com um curvar de lábios amargo. Os olhos ligados aos dela, os seus um mar negro que parecia não ter fim ou começo.

- Recentemente, Adara, as coisa mudaram. Cada vez mais vejo a escuridão daquelas que sou jurado a destruir. Não posso fazer nada a não ser mandá-las de volta aonde pertencem.

Adara o encarou e ele desejava saber o que se passava em sua cabeça.

- Você vê a escuridão em volta delas, literalmente? Como uma projeção ou uma aura?

- Sim.

Ela fez uma pausa.

- Minha alma é negra? - perguntou silenciosamente.

- Não. – respondeu ele, sua fome crescendo à medida que as cores dela formavam redemoinhos e resplandeciam ao seu redor. - A sua é diferente de qualquer outra que já vi. É um arco-íris de luz. – disse e não tirou os olhos dela, olhando-a inteiramente. Até agora seu corpo escutava e combinava-se aos seus batimentos cardíacos, precisando senti-la por perto, envolvendo-o em seu calor.

- Então você não está aqui para me matar? – perguntou ela, a voz vacilante. Ele poderia dizer que ela tentava parecer valente, mas a violência que havia visto esta noite verdadeiramente a abalou. Desejou que tivesse sido de outro jeito, mas talvez ela precisasse ver a verdade. Mas ela poderia conciliar que ele era o mesmo homem que só umas noites atrás a levou ao êxtase?

- Não, Adara. - ele ronronou, tentando acalmá-la com sua voz. Ele observava enquanto ela tremia sob o efeito de suas palavras, seus mamilos enrijecendo em pequenas pérolas de desejo. Seus olhos demoraram-se lá, necessitando mais de Adara esta noite, muito mais.

- Adara, eu preciso de você mais do que possa imaginar. – Ele admitiu, o corpo endurecendo e implorando para que a tomasse.

- Para que? – perguntou ela, lambendo os lábios nervosamente.

- Adara - murmurou e fechou a distância entre eles. Ela congelou sob seu toque, mas ele não fez mais do que acariciar seus braços, seu pescoço. - Você não entende, amor. Eu não gosto do que eu tenho que fazer, o que você viu hoje à noite. Mas eu preciso. Pela primeira vez esta noite, no entanto, não precisei tomar a mulher sexualmente.

Os olhos de Adara queimavam e ele imaginou se ela possivelmente teria sentido o que ele suspeitava. Ciúme? Ele sacudiu a cabeça. Não, impossível.

- Por que não? – perguntou ela, movendo-se ligeiramente. O seio dela esfregava-se contra seu antebraço e ela ofegou.

- Por sua causa, Adara. - Trey disse em uma voz baixa. - Você me saciou a outra noite, mais que eu alguma vez pensaria possível. - Sua respiração acelerou quando as lembranças o assaltaram. - Você me tomou em sua boca e me mandou tão perto do céu como eu nunca estive. – disse ele em rouquidão. Ele baixou as mãos e abriu a calça, libertando seu guloso e pulsante membro para sua contemplação.

- Trey, - sua voz oscilou. - o que você está fazendo? - perguntou em confusão. Todavia, Trey podia ver que ela sabia exatamente o que queria dela, o que necessitava. Sua própria luxúria guerreava com seu senso de certo e errado, e ele soube que não agüentaria até que ela compreendesse a verdade.

- Você me deseja, Adara. - disse olhando-a nos olhos. - E precisa de mim. Da mesma forma que eu preciso de você. Sua luz brilha e me chama, até que a minha escuridão grite por você. - Ele acariciou a si mesmo e testemunhou quando a respiração dela acelerou. - Toque-me, Adara. Toque-me da forma que quiser. Esqueça tudo, exceto a fome devastadora em você. - sussurrou de modo sedutor.

Ele observou com olhos estreitos quando Adara estendeu a mão, cativada por sua voz e pelo seu corpo próximo. Ela não lutou muito e Trey sentiu satisfação suprema sabendo que ela o queria quase tanto quanto ele.

Sua mão envolveu sua ereção e ele fechou os olhos em delírio. Não imaginava o sentimento puro que seu toque evocava. Sua pequena mão movia-se sob ele, seu aperto forte e decidido enquanto o agradava.

- Ah, Adara - disse em um suspiro. - O que faz comigo? - Ele a alcançou e abriu os olhos, rapidamente livrando-se da própria roupa e da dela até que nada permanecia entre eles, a não ser o ar.

Ela continuou a masturbá-lo com a mão e Trey gemeu seu prazer. Então ele se moveu para frente e a beijou forte na boca, fazendo seus corpos se encontrarem. Ela ofegou pelo contato e Trey parou sua mão, preocupado em como rápido e perto estava do orgasmo.

Ele quis saborear essa noite, sem se importar que a houvesse forçado àquilo. Outra mancha em sua alma, ele pensou cansadamente. E embora soubesse que era egoísta, não podia impedir a necessidade absoluta que fluía dentro dele ao pensar na satisfação que ela proporcionaria e que ele certamente daria a ela.

Trey abaixou seu corpo na cama e se inclinou sob ela, a boca ainda beijando seus lábios maduros. Sua língua deslizou para dentro de sua boca úmida, tocando seus dentes e entrosando-se com a dela. E enquanto ele a acariciava ligeiramente com a língua, deslizou o corpo no dela, raspando seus duros mamilos, o pênis roçando eroticamente em cima dos seus cachos escuros, separando suas coxas só para esfregá-lo entre elas, atormentando-se até que deu à luz a sua frustração.

Ela moveu-se contra ele.

- Trey, - sussurrou quando ele finalmente liberou sua boca. - Preciso de você dentro de mim. Ela tremia à medida que ele empurrava entre as coxas, sua ereção escorregando dentro e fora delas, fazendo-as mais macias pela umidade de seu corpo que o cobria. Mas ele ainda permanecia fora de seu centro, fora de sua apertada abertura.

- Não, Adara, - disse Trey densamente. - Não esta noite. Eu quero amar você inteiramente. - sussurrou contra sua orelha. - Eu quero sentir seu seio em minha boca, seu clitóris inchado e perto de explodir quando eu puser minha boca nele. Eu preciso sentir você toda quente e molhada antes de você unir-se toda a mim. – disse ele, a respiração elevando-se enquanto estimulava a ambos com suas palavras.

Então ele curvou a cabeça para seu pescoço, tentando-se com seu morno aroma. Ele podia ver seu pulso palpitar, clamando por ele. Seus caninos alongaram-se consideravelmente, seu membro perto de sua vagina molhada, a glande mergulhando nela levemente.

Ela gemeu encorajando-o a seguir e Trey avançou dentro dela. Então, ele parou e forçou-se a se retirar, em um incrível esforço de sua força de vontade. Ela estava destruindo qualquer controle que tivesse, sua fome quase superando sua própria. Trey amaldiçoou e arrastou a boca para a palpitação abaixo de seus seios.

Ele pressionou seu duro comprimento por sua coxa, incapaz de parar de acariciar-se contra ela. E quando o fez, traçou com a boca o caminho abaixo do seio até o mamilo cor de cereja que aguardava sua carícia. Com grande habilidade, ele mamou em seu seio enquanto a mão brincava com o outro pico excitado. Adara gemeu e se arqueou para o seu toque, as mãos percorrendo seu cabelo, fazendo-o suspirar de necessidade.

- Tão bom. - murmurou ele quando seus lábios abandonaram seu seio. Ele soprou um suave fôlego contra seu mamilo, olhou-o endurecer ainda mais e grunhiu. Então, beijou-a novamente, dessa vez com os dentes beliscando-a levemente, desenhando um fino traço de sangue. Ele gerou prazer com seu toque e ela não sentiu dor na sangria, só uma sensação adicional de êxtase, conforme a sorvia.

Capítulo Seis

O gosto do seu doce sangue em sua língua quando o corpo nu de Adara espremeu-se no seu era quase demais para Trey. Ele se forçou a deixá-la avançar e selou a pequena picada em seu mamilo. Então, ele mamou em seu outro seio, sua boca acelerando o movimento enquanto seu corpo impulsionava-se para a conclusão.

Ela continuou a arquear-se, o maleável corpo faminto pelo seu. Os lábios de Trey deixaram rastros sob sua barriga plana, demorando-se em seu umbigo, desejando desesperadamente morder a macia e fértil carne, embora resistindo.

- Oh, Trey. – gemeu Adara. – Desejo-o tanto. - disse e ofegou quando a boca dele passou em cima do seu úmido sexo. Ele separou seus suaves cachos e abriu mais suas coxas. E então, a lembrança se repetiu quando pousou em seu clitóris, provocando-o até transformá-lo em um duro e pequeno seixo.

Adara gritou seu nome enquanto a levava à beira da culminação. Sua boca e sua língua dando tenras batidas, saboreando-a, e ela quase gozou quando esta de repente se lançou

em sua cavidade molhada, mas sem entrar o suficiente. Ela se estorceu embaixo dele, suas coxas embalando sua cabeça quando ele grunhiu, chupando-a mais forte em um turbilhão de desejo.

- Trey, por favor. - implorou e sentiu pouco menos que alívio quando sua cabeça ergueu-se, os olhos ardentes encontrando os seus. Uma névoa vermelha parecia cobri-los enquanto a fitava, sua necessidade nunca tão evidente quanto naquele momento.

Ele ergueu-se e ela olhou para baixo até ver seu grosso pênis pulsando, com uma umidade adornando a extremidade. Quis saboreá-lo novamente, quis senti-lo em sua boca, mas Adara sabia que nenhum dos dois podia esperar. Então, ele aprumou-se, empurrando suas coxas amplamente com o joelho.

Posicionou-se em sua úmida entrada, encarando-a.

- Adara, eu a levarei para lugares em que nunca esteve. - disse densamente quando avançou dentro dela. A boca cobria a sua quando ele empurrou profundamente em seu interior, não mais lentamente, mas como um homem possuído. Adara ofegou, seu fôlego roubado pelo homem devorando-a. Ele sentia-se tão grande dentro dela, tão grosso e conquistador enquanto se movia profundamente em direção a seu útero.

Mas ele não se acalmaria, seu corpo carregado demais para parar. Ele retirava todo o seu comprimento e regressava sem demora dentro dela, esfregando o corpo no seu. Adara gritava enquanto ele continuava impulsionando toda sua longitude. Ele a consumia, o corpo imenso ajustando-se ao seu enquanto as línguas se acasalavam, seu pênis entrando repetidamente em seu úmido corpo, deslizando-se em sua doce nata causando uma deliciosa fricção.

- Oh, Trey - disse Adara quando ele liberou sua boca, a respiração dele cada vez mais rápida conforme se metia nela. E então ela sentiu seu mundo sofrer um colapso quando o corpo dele esfregou seu inchado clitóris duramente mais uma vez. Adara gritou e vibrou, seu corpo atraindo-o à medida que suas contrações de prazer a devastavam.

Em seu primeiro grito, Trey disse algo que ela não pôde entender. Então ele enterrou o rosto em seu pescoço e encravou os dentes em sua pele, a leve dor aumentando seu prazer enquanto Adara gozava novamente.

Trey a chupou e gemeu quando seu corpo explodiu em luz, em sentimento, seu orgasmo irrompendo quando lançou sua semente quente dentro dela. A boca continuava a percorrer sua pele enquanto ele empurrava em seu interior, o corpo estremecendo em função de seu aperto molhado. E quando ele continuou a chupar seu sangue, Adara sentiu-se tonta, completamente desfeita de intenso prazer.

Trey finalmente parou de mover dentro dela e liberou seu pescoço, lambendo as pequenas gotas de sangue que escapavam. Ele tremeu quando a língua encontrou sua pele salgada e afundou sobre seu corpo por um momento, quase a esmagando sob seu peso.

Então ele suspirou e rolou, trazendo-a para cima de seu corpo.

- Adara, - disse roucamente, sua respiração ainda vindo rápida e selvagem, seu duro membro ainda dentro dela. Ele suavemente o retirou e Adara gemeu sua perda. - Você me dá tanto prazer. – disse e abraçou-a.

Adara se debruçou em seus cotovelos e olhou-o sonolenta. Ela se sentia mais relaxada do que nunca. Algo em sua mente a dizendo que devia falar alguma coisa, mas cansada demais para fazer mais do que dormir, ela fechou os olhos e escutou o firme bater do coração de Trey enquanto sucumbia ao sono.

Trey descansou embaixo dela por várias horas, amaldiçoando-se por possuí-la contra sua vontade e ainda parabenizar-se por finalmente ter feito o que queria desde que a viu pela primeira vez. Ele nunca imaginou que poderia se sentir tão bem depois de transar e tomar sangue de uma mulher.

Antes sempre se sentia sombrio, sujo por sua proximidade e necessidade das trevas que pairavam sob o corpo de suas presas. Mas com Adara, era como se a claridade em seu ser o absolvesse de suas ações, o prazer ela gerou bom demais para arrepender-se.

E mesmo assim, Trey arrependia-se de ter controlado sua mente a fim de controlar seu corpo. Ele disse a si mesmo que nunca faria tal coisa, não a uma mulher que verdadeiramente o tinha atraído. Mas ele não pôde evitar. Se não a possuísse essa noite com uma gentil persuasão, ele teria recorrido a algo mais feio. Adara precisava de tempo para mudar de idéia sobre ele. Se ele só pudesse convencê-la a vir a ele de livre e espontânea vontade, que ele não era um mostro, mas uma alma das trevas que servia à luz, então talvez tivesse uma chance.

Trey suspirou. Não conseguia se cansar do corpo dela para permitir que ela fizesse essa escolha, pelo menos, não ainda. Sentia-se saciado, mas necessitado de novo. Ele sabia que havia tomado muito de seu sangue e portanto a deixou descansar quando queria possuí-la novamente, tão pouco tempo depois de seu ato sexual. Porém imagens de John e do que ele fez com Sue o assombraram e Trey sentiu uma devastadora luxúria retornar. Ele queria possuir Adara por trás vigorosamente, enterrar os dentes em seu delicado pescoço bem quando ela gozasse. - Adara, acorde, amor. - disse enquanto a cutucava levemente. Ela sorriu em seu sono e se enroscou mais perto dele. Trey deu um sorriso. Ele não pensava sobre isso, mas isso o interessava. Ele saiu de baixo de seu corpo e atirou fora as cobertas. Contemplou seu glorioso corpo nu, observando suas longas pernas, a delicada curva de suas nádegas e suas costas delgadas, reveladas quando ela deitou sobre a barriga. Ele começou a acariciar seus tornozelos, beijando-os e tocando-os com reverência enquanto ela erguia o corpo. Ela gemeu ligeiramente, mas não se mexeu de outra forma e ele sorriu, um sorriso completo que iluminou seu rosto moreno. Então ele fechou os olhos e saboreou o seu corpo, provando sua doce pele com a língua macia, lutando contra o desejo de mordê-la quando ela ergueu as pernas. Ele separou suas coxas gentilmente e continuou a percorrer com a língua agora o interior de suas pernas. Ele podia sentir seu próprio cheiro nela ainda e esse conhecimento o voltou duro como uma rocha. Ele gemeu e a beijou com cuidado, movendo-se no ângulo certo para tocar seu maduro clitóris com a língua. Ela gemeu mais alto quando ele chegou ao seu destino e gentilmente a sustentou com as mãos abaixo de sua barriga, enquanto se alimentava de sua ardente essência. Ele inseriu um dedo dela enquanto a lambia, e em pouco tempo o corpo dela começou a se mover em seu próprio consentimento. Trey grunhiu, um ruído que vibrava contra seu corpo, arrancando um ofego de Adara.

- O que está fazendo? – perguntou sonolenta enquanto sua respiração capturava outro gemido. Trey não a havia encantado desta vez, mas a havia surpreendido durante o sono. Ele esperava que ela estivesse tão envolvida em seu desejo, como ele estava, enquanto continuava a afagá-la.

- Oh, sim. - ela gemeu e moveu os quadris. – Não pare, Trey. – disse.

Ele tirou a boca do seu corpo úmido, os olhos brilhantes quando observou seu excitado rosto, seus olhos fechados em êxtase, sua boca levemente aberta, desejando-o.

- Preciso parar. – disse respirando forte e se movendo para cobri-la. Ele a fez apoiar-se em seus joelhos e apertou fortemente suas nádegas, esfregando-se nela enquanto ela empurrava contra ele, gemendo. – Isso vai ser tão bom. – disse ele profundamente enquanto as mãos envolviam seus seios.

Suas palmas arranhavam os mamilos dela a medida que seu corpo apertava forte o seu. Ele precisava dela desesperadamente, imagens do que tinha fantasiado fazer com ela salpicando sua visão. Ele depressa se pôs de joelhos e posicionou a ereção em sua doce umidade. Então penetrou vagarosamente, entrando em seu corpo apertado, sua cavidade mais estreita devido à nova posição.

Ele fechou os olhos e grunhiu em prazer enquanto ela implorava que se movesse.

- Você é tão gostosa, - disse quando começou a arremeter, as mãos apertadas em seus quadris.

- Oh, sim, mais forte. – ela gemeu e ele aumentou o ritmo, metendo nela mais e mais forte enquanto ela gemia seu nome.

- Eu quero que você goze. - ofegou ele conforme continuava a empurrar. Ele passou uma mão em volta de seu quadril e ternamente tocou seu duro clitóris, acariciando-a.

Ela arquejou e se mexeu contra ele, produzindo uma erótica fricção que rapidamente os levou a um outro patamar de desejo.

Como em suas fantasias, Trey esperou até Adara se aproximar do precipício do clímax antes de abaixar-se para cravar os dentes em sua carne macia. A sensação de seus dentes e pênis incrustados profundamente nela, seus dedos movendo-se magicamente, mandando-a para um forte orgasmo. Trey podia ouvi-lo em seu grito e podia senti-lo enquanto ela o banhava com seu apimentado aroma. Seu pênis escorregava suavemente dentro e fora dela enquanto ele engolia seu sangue. E então ele removeu a boca, não querendo feri-la quando a força de seu clímax o consumisse. Ele empurrou dentro dela e continuou a se mover, seu corpo bombeando enquanto ele escorregava por sua suave umidade. Ele ofegou e se retirou, mas seu corpo não havia terminado, e ele colocou seu pênis na fenda entre suas nádegas observando quando seu branco e leitoso desejo se derramou sobre ela.

Ele grunhiu e a agarrou com força, deslizando seu sensível membro no esperma em suas costas.

- Isso foi incrível. – disse Adara sem fôlego. Ela olhou para trás de si quando ele deslizou por cima dela, seus olhos impossivelmente negros e atentos enquanto ela examinava seu rosto atormentado, ainda consumido pelo orgasmo.

Adara sentiu outra onda de calor percorrendo o corpo quando o observou movendo-se nela. Como podia ser, ela se perguntava. Agora que seu corpo estava saciado, lembranças do que Trey fez na noite anterior invadiram sua mente. Ela podia cheirá-lo nela, podia sentir a pegajosa evidência do que tinham feito entre as coxas e nas costas. E apesar daquilo deixá-la mais excitada e consciente dele, também a assustava.

Trey fez algo terrível ontem à noite. Ele matou uma mulher. E logo depois ele minou sua vontade e corpo e deu-lhe incrível prazer até quando gozou em seu corpo. E seu lábios, ela estremeceu, agora recordando que ele enterrou os longos caninos em seu pescoço e bebeu seu sangue, um pensamento que invocou uma paixão tempestuosa, ao invés do nojo que achou que sentiria.

Como se ciente de seus pensamentos perturbadores, Trey diminuiu a pressão sob seu corpo e pôs-se de pé ao lado de sua cama. Sem ligar para sua nudez, ele permaneceu orgulhosamente na frente dela.

- Eu sei que você precisa pensar sobre coisas. - disse Trey serenamente. - E eu não deveria tê-la forçado ontem à noite, mas eu não pude evitar. Eu fui fraco para me negar ao seu prazer. E apesar disso ser errado, eu não me arrependo. - disse baixinho.

Adara sentou-se e olhou seu rosto cuidadosamente enquanto ele se confessava. Embora seus pensamentos girassem numa confusão, ela não podia negar que ele deu-lhe mais prazer do que ele poderia imaginar. Ele não tinha sido egoísta, e sim completado suas necessidades. Só de pensar no que ele fez a fazia estremecer outra vez de necessidade.

- Eu irei agora, mas você sabe onde me encontrar. Há coisas que deveríamos conversar e mais que ainda temos que descobrir. - disse suavemente encarando suas pálpebras estreitadas, um macho saciado menos perigoso, mas ainda uma clara ameaça. - E Adara, - disse Trey no mesmo tom, os olhos que queimando com intensidade, - não me faça esperar muito tempo.

Capítulo Sete

Adara pensou muito sobre o que fazer depois que Trey partiu. Quando o sol da manhã brilhou através das janelas, ela se levantou e foi até o chuveiro lavar as conseqüências de suas paixões. Suspirou e fechou os olhos quando esfregou o sêmen ainda morno dele das costas, sentindo-o escorrer pelas pernas. Os rastros de Trey se demoraram e fizeram-na esquecer de si mesma inundada em sensualidade, enquanto recordava cada delicioso detalhe da sua maneira de amar.

Adara lavou-se totalmente, incapaz de tirar seu aroma da cabeça. Ela havia tornado-se mais íntima de Trey nos últimos dias do que com qualquer outra pessoa durante toda sua vida. E ele tratou seu corpo como um templo, cultuando-a com suas mãos, seus olhos, sua boca.

Ela suspirou e continuou em pé debaixo da água morna que escorria. Como poderia conciliar o amante tentador de ontem à noite com o demônio que matou àquelas mulheres? Enquanto ponderava sobre isso, recordou que a mulher que Trey matou estava em uma cela de prisão depois de matar um aposento cheio de pessoas. O que Trey disse? Algo sobre a escuridão de sua ‘presa' chamando por ele? Ele envolveu a mão suavemente ao redor do crucifixo, sem o menor medo disso ou do que significava. E ele mencionou que trabalhava para ‘Ele'. Trey deu a entender que trabalhava para livrar o mundo do mal, que lutava pela luz. E mesmo assim, a que preço? Adara perguntou-se. Ela fechou o chuveiro e se secou, vestindo rapidamente uma calça jeans e um suéter. Pensou em Trey ao longo do dia, perguntando-se sobre sua vida e seu trabalho.

Ele possuía e dirigia uma boate muito bem sucedida, dedicada a servir prazer à sua clientela. Ela sabia que ele era um homem muito sensual, alguém fortemente imerso na habilidade de agradar uma mulher. Apesar disso, sentiu que havia causado um efeito em Trey que o fez responder a ela, lembrando o seu assombrado semblante naquele primeiro dia em seu escritório.

Ela corou quando lembrou. Ele disse que ela tinha uma aura diferente daquelas que estava acostumado a ver. Não podia imaginar a fome que ardia dentro dele dia após dia. Ele precisava se alimentar o tempo todo? Ele era mesmo um cara mau, ou seriam todas as suas vítimas, como a mulher de sua visão, malvadas? Adara tinha tantas perguntas que desejava fazer. E mesmo assim ele havia deixado o próximo movimento em suas mãos.

Adara sabia que Trey sentia-se mal por ter anulado sua vontade na noite passada. Mas ela não conseguia sentir medo ou raiva, pensou com um sorriso amargo. Sua imaginação de escritora a dominava, junto com uma dose saudável de fascinação apaixonada.

Trey Blackthorne era a mais bela fantasia feminina tornada realidade. Ele fez seu corpo tremer e ferver de paixão, deu-lhe tanto prazer que ela achou que morreria. E embora ele houvesse provado seu sangue, Adara sentiu uma estranha excitação encher seus quadris, incapaz de encontrar sequer um pouco de repugnância pelo ato.

Adara esperou o dia todo, precisando de respostas tanto quanto precisava sentir aquelas mãos em seu corpo de novo. Franziu o cenho e se perguntou se talvez ele a tivesse marcado de alguma maneira, tornando-a viciada por seu toque. Pensamentos do que ele havia feito com a mulher na cela da prisão a deixavam um pouco ciumenta. Não gostava de pensar em Trey tocando outra mulher intimamente. E sua confissão de que seu desejo havia crescido, que ele só poderia satisfazer sua sede com o corpo de uma mulher, assim como bebendo de seu sangue, irritava-a também.

- Que direito tenho sobre ele? - perguntou-se. - E eu desejo mesmo ter algum controle sobre suas ações?

Ela sacudiu a cabeça, decidindo o que fazer.

Às onze, finalmente cedeu ante seus impulsos e vestiu um jeans e um pulôver negros. Encontrava-se na entrada do clube pouco tempo depois. Um dos seguranças a viu e veio diretamente para ela.

- O sr. Blackthorne a espera. - Ele sorriu e a dirigiu brandamente pelas portas, recusando-se a aceitar que pagasse a entrada no clube. Ele caminhou ao seu lado e a deixou na companhia de John.

- Bom, bem-vinda de volta. - disse John com um largo sorriso.

- Estou encantado de vê-la outra vez. - disse e olhou ao seu redor. - Sinto muito. - Adara sorriu. – Não trouxe Sue comigo. Mas a última vez que falei com ela me disse que estava muito ansiosa por um próximo encontro. - Adara tinha percepção suficiente para notar a fome sexual que flamejava em seus brilhantes olhos azuis, surpreendentemente parecida com a que refletia nos de Trey.

Adara contemplou John pensativamente. Podia ele ser um deles também? Mas John deu-lhe pouco tempo para especular. Ao invés disso, ele a guiou, não em direção ao escritório de Trey, mas ao corredor sofisticado que alojava os quartos privados. John dirigiu-a até um quarto localizado no final da ala.

- Aproveite. - Ele sorriu e deixou-a em frente à porta.

Adara engoliu em seco e bateu. A porta abriu imediatamente e ela entrou lentamente, não podendo enxergar muito no quarto escuro. A porta se fechou atrás dela e ela se sobressaltou.

- Não fique nervosa, Adara. – ela ouviu Trey sussurrar à sua direita antes de acender uma vela. Ela olhou seu rosto na penumbra com desejo, consciente de que não conseguia se conter quando tocou seu rosto em uma carícia suave.

Ele respirou ligeiramente, mas se afastou dela, iluminando o resto do quarto com velas acesas em aparadores e mesas ao redor deles.

Uma enorme cama estava disposta ao longo da parede posterior do quarto e Adara olhava-a fixamente, seu corpo esquentando-se com a idéia de compartilhá-la com Trey. Sacudiu a cabeça e sentou-se em uma cadeira oposta a Trey, consciente de deixar uma mesa separando-os.

- Tenho algumas perguntas. – disse nervosamente.

Ele concordou tristemente e sentou-se do outro lado da mesa sem falar.

- Sei que você é um vampiro. Mas Trey, você tem que matar pra, é, alimentar-se?

Ele negou. – Não. Adara, só mato aqueles a que sou convocado a matar. Eu não gosto disso, mas faço por que é minha obrigação.

- As auras negras. – disse ela e ele assentiu. – Então você se vê como um mensageiro, a favor da luz?

- Sim. – respondeu e suspirou. – Mas desde que você apareceu na minha vida eu não sinto mais necessidade de obter satisfação sexual das minhas vítimas. Só preciso beber o sangue daquelas mulheres que devem passar por um julgamento em uma corte suprema. Adara, é você o que me satisfaz agora.

Adara o encarou, viu uma seriedade brilhar em seus olhos à luz vacilante das velas. – Eu não compreendo. – disse ela. – Mas não acredito que você seja mal.

Ele soltou o ar. – Graças a Deus. Adara, eu não entendo isso mais que você. Por alguma razão você me completa, sua luz chama a minha escuridão. Você me faz feliz. – disse serenamente. – E é mais do que seu corpo, embora ele me excite. – sorriu.

Adara olhou-o, não o tendo visto sorrir antes. O sorriso iluminou todo seu rosto, fazendo-o parecer, mais leve, mais despreocupado.

-É você Adara. Eu... - interrompeu-se. – Eu sei que é cedo demais e eu não sou alguém que você possa chegar a gostar, mas eu a amo.

Adara olhou-o em choque. – Você me ama?

Ele assentiu. – Eu não posso explicar. Mas conheço sua alma. Ela é pura e boa. E você, Adara, você é boa. Você poderia ter colocado a polícia atrás de mim imediatamente, ou pior, me revelado. Todavia, você vem aqui primeiro escutar a minha versão da história.

- Eu precisava saber. – disse ela ponderadamente. Suas palavras de amor fizeram seu coração cantar. Ela sentiu uma resposta formar-se profundamente dentro dela, mas não sabia se tinha a força para externá-la. Amar Trey seria entrar em um mundo completamente novo.

- Adara. – ele disse e afastou a mesa. Ajoelhou-se à sua frente e levou sua mão aos lábios. – Saiba que nunca poderia machucá-la, não a mulher que eu amo. E não importa o que você decida fazer comigo, se você resolver me expor ou me entregar à justiça, sempre a amarei.

- Mas e se, bem, vamos dizer, eu ficar com você. – disse. – Você ainda teria que matar pessoas, certo? – Trey assentiu tristemente. – É meu trabalho, Adara. Meu verdadeiro propósito na vida. Eu tenho que tirar os condenados desse mundo. Sinto muito. Eu daria tudo o que possuo para ter você comigo, mas essa é a única coisa que não disponho.

Adara acariciou seu cabelo, liso e sedoso embaixo de seus dedos. – Mas elas são diabólicas mesmo. – disse. Ele assentiu. – Trey, - perguntou – se você tomar mais o meu sangue, vou me tornar igual a você?

- Não. – disse ele firmemente. – Isso é algo que eu só posso fazer se você realmente desejar. E, mesmo assim, é um processo que nem sempre se conclui. Adara, minha espécie tem sido sempre ligada ao mal, mas nós estamos bem longe disso. Sim, eu vivo nas trevas. Mas não faço uso da violência sem necessidade. Se você quer saber a verdade, temia que estivesse afundando cada vez mais na escuridão. Mas com você, Adara, minha luz brilha mais do que nunca.

Adara sorriu para ele, sua decisão tomada. – Trey, eu o amo. – disse e observou quando um sorriso iluminou todo seu rosto. – Eu admito que tudo isso é novo, e eu ainda estou um pouco assustada a respeito do que você é e do que pode fazer, mas eu confio em você. Trey ergueu-a nos braços e levantou-se, abraçando-a e girando com ela. – Oh Adara, você não sabe como eu desejei ouvi-la dizer isso. Você não vai se arrepender. – disse. Ele a colocou de pé e a beijou até deixá-la sem fôlego. – E eu tenho tanto para compartilhar com você. – disse olhando-a nos olhos.

- Nós apenas começamos a descobrir os impressionantes prazeres da minha espécie. – ele disse e baixou a boca para morder a mão. A liberou e Adara viu quando dois escuros pontos de sangue começaram a se formar. – Adara, se você puder me aceitar, quero dizer, realmente me aceitar, eu lhe oferecerei meu sangue. Com essa oferta, nós estaremos ligados para sempre. – disse suavemente.

Adara o fitou, quase podia ver sua aura escura empregar um vislumbre de luz enquanto o olhava. Ela piscou, mas a luz não desapareceu. Com o coração em seus olhos, ela sorriu e inclinou-se em sua direção, beijando a fina trilha de sangue em sua mão.

Ele suspirou de prazer, ainda mais quando sua boca moveu-se pela dolorida picada. Adara descobriu, para sua surpresa, que seu sangue atraía-lhe, fazia desejá-lo instantaneamente.

Adara retirou a boca, uma gota de sangue nos lábios. Trey percebeu-a e abaixou-se para lamber o ponto vermelho escuro. Sua língua queimou os seus lábios e Adara arrastou sua boca para a sua, agarrando-o enquanto o devorava. Ela sentiu um desejo ardente de tê-lo, mais do que já havia sentido antes.

- Adara, venha comigo. Ele dirigiu-a para a grande cama antes que ela pudesse estimulá-lo além do que suportaria. - Eu sei o quanto você quer isto.

Adara olhou para ele com curiosidade e de repente se encontrou contemplando seu corpo nu. Ela ofegou só para perceber que também estava nua diante dele.

- Amo o seu corpo. Ele disse com a voz falha, as mãos movendo-se suavemente em seus fartos seios. – Venha. – ele disse e a estendeu na cama. – Há algo que você vem fantasiando. – disse ele com um sorriso.

- Pode ler meus pensamentos? – perguntou Adara surpresa.

- Não. Mas quando estamos juntos, suas fantasias sexuais se revelam. E você transmite seus desejos e necessidades bem alto. Ele sorriu, os olhos escuros e luxuriosos quando a encararam.

- Agora me permita deixá-la mais confortável. – ele disse brandamente.

Trey deitou-se na cama e a posicionou em cima dele. Adara não podia pensar com clareza suficiente para saber a que fantasia ele se referia. Ruborizou ligeiramente ao pensar

que tinha muitas. Ela ajoelhou-se em volta dele e curvou a cabeça para beijá-lo quando ele balançou a cabeça em negativa misteriosamente. Ela olhou-o confusa quando ele empurrou levemente seu corpo com as mãos e a girou. Então, começou a entender o que iriam fazer quando se viu olhando sua palpitante ereção.

Ela fechou os olhos de felicidade quando sentiu seu fôlego quente em seu clitóris, suas mãos puxando seus quadris para baixo para cobrir sua boca. Quando sua língua começou a acariciá-la, ela ouviu-se gemer enquanto seu pênis estremecia, crescendo diante de seus olhos. Inundada pela sensação, ela no entanto lembrou-se de seu primeiro encontro com Trey, recordando como sua boca quase tinha o feito cair de joelhos.

Ela sorriu e abaixou-se para absorver seu aroma. Cuidadosamente o lambeu, as mãos acariciando sua extensão com firmeza e os macios e aveludados testículos com cuidado. Ela ouviu-o grunhir contra sua carne, podia sentir o ruído do prazer fluir por dentro do corpo. Abaixou a boca ao redor do seu membro e começou a provocá-lo. Ele empurrava dentro da sua boca enquanto seus lábios e língua intensificavam os movimentos no corpo excitado dela.

O entusiasmo dele por seu toque revelava-se na atenção atribuída ao seu corpo e logo Adara estava lutando por conter-se, sem querer gozar até que o fizesse gozar primeiro. Ela sugou-o inteiro dentro da boca, provando e provocando aquele grosso membro com a língua até que ele estremeceu e gemeu alto.

E então Adara não pôde mais aguentar. O clímax a golpeou com uma força impressionante e ela chupou mais forte seu pênis, fazendo-o explodir do mesmo modo. Ela o ouviu grunhir e tremer enquanto seu corpo explodia, sua semente quente jorrando em sua boca. Ainda imersa em seu próprio clímax, ela gulosamente engoliu tudo, seus corpos pulsando no mesmo ritmo conforme a paixão relutantemente os libertava.

Trey exalou profundamente e a girou de volta, recostando sua cabeça sobre seu peito. - Ah, Adara. - ele gemeu e a abraçou fortemente. – Com você sinto tanta alegria. Meu coração é seu, de verdade. - disse e beijou-a ternamente na cabeça.

Adara suspirou de prazer e levantou a cabeça para encontrar seus olhos. – Como o meu também é seu, Trey. - disse e sorriu. - É engraçado, mas agora que mencionou, posso ver uma luz brilhar ao seu redor, uma espécie de arco-íris que não vai embora.

Ele sorriu, com o coração nos olhos ao acariciar sua bochecha com o indicador. – Você me salvou, Adara. disse. - E nunca deixarei de agradecê-la, nunca.

Alguns momentos de silêncio encheram o quarto enquanto se demoravam na neblina do êxtase que ainda palpitava dentro deles.

- Trey? – chamou Adara hesitante. Agora que ela finalmente o havia aceitado e admitido que o amava, jamais poderia perdê-lo. Só tentar imaginar uma vida sem ele fazia sua alma chorar de dor. - Quero que me faça como você.

Trey endureceu-se embaixo dela e Adara se sentou para observar sua expressão. – Tem certeza, Adara? Uma vez que a conversão começa, não há volta. E mesmo assim, pode não finalizar.

- O que isso quer dizer? ela perguntou.

- Bem, se tentar convertê-la à minha espécie e funcionar, saberá imediatamente. Mas se não funcionar, será mais do que era, mas não uma vampira. E se esse for o caso, saiba que minha vida acabará quando a sua terminar. - disse simplesmente. Adara o contemplou

e sentiu lágrimas queimarem seus olhos. Ele falava da eternidade ao lado dela de uma maneira tão fácil, quer durasse o seu tempo de vida ou o de um humano normal.

- Quero tentar. Adara disse e tocou seu peito no lugar onde fica o coração. - Sou sua para sempre, Trey.

Capítulo Oito

Trey lia atentamente a edição de novembro da *Chic Ventures* com um sorriso largo. O fotógrafo tinha tirado uma maravilhosa foto de John e Sue vestidos como vampiros durante a festa de Halloween do clube e o artigo que a acompanhava o fez se sentir mais que orgulhoso.

Ele contemplou a nova Sra. Blackthorne digitando energicamente em seu computador. Só haviam se passado duas semanas mas ele não poderia ter pedido duas semanas melhores em sua vida. Talvez os Anciãos tinham visto que sua alma estava em perigo, já que ele não acreditava que Adara fosse qualquer outra coisa que não um anjo enviado do céu para salvar sua alma.

Ele se maravilhava da luz palpitante que sempre a envolvia, embora agora ardesse com um pouquinho da escuridão que a proclamava como uma de sua espécie. Adara por outro lado, adorava o arco-íris de cores que agora fluía ao redor dele, embora sua aura tivesse umas sombras mais escuras do que seu vibrante brilho.

- Posso sentir você me olhando fixamente. - disse ela enquanto seguia teclando, com um sorriso na boca. Ele olhou seus lábios franzidos e subtamente uma imagem dela no quarto o assaltou.

Adara de repente parou de digitar e elevou a vista para ele, seus olhos escuros enquanto sorria de um modo muito sexy. Sua conversão a vampira tinha sido surpreendentemente fácil. Ocorreu só uma mudança total de sangue, drenando seu corpo e tornando a enchê-lo com o sangue de Trey. Até mesmo John tinha sido mais difícil de converter e Trey o tinha feito a pedido dos Anciãos.

Adara viu claramente o que Trey imaginava e sorriu. O dom psíquico de Adara se aprimorou devido as suas novas habilidades como vampira. E gostava de provocá-lo enviando imagens do que eles fariam a qualquer hora que ele pudesse ter um momento a sós com ela.

Ela moveu-se de modo sedutor em direção ao quarto e ele grunhiu quando ela riu e entrou correndo no aposento. Ela havia se mudado para sua casa, onde eles tinham mais segurança durante o dia. O artigo de Adara tinha sido um sucesso imediato e pelo visto seu agente queria que ela escrevesse um livro inteiro sobre ‘garotas malvadas’. O êxito e a felicidade abundavam em suas suas vidas.

Ele a encontrou deitada nua na cama, um cachecol de veludo escondendo seus seios e quadris de sua vista. Enquanto ficava ali olhando para ela, agradecia a Deus por abençoá-ço com tanta felicidade. Ele ainda matava aquelas que precisavam ser julgadas na outra vida, porém não sentia mais fome de ninguém, a não ser de Adara.

- E então, quando vamos fazer um vampirinho? - perguntou Adara com um sorriso.

- Ah, você não ficará fértil até que seu corpo tenha sido satisfeito de todas as maneiras imagináveis. - disse Trey rindo do aspecto intrigado de seu rosto. - E é mais do que minha obrigação preparar esse corpo sedutor. - sorriu abertamente enquanto tirava as roupas. - Será o meu maior prazer.

FIM

